

Os desafios da pesquisa em história da comunicação:

entre a historicidade e as
lacunas da historiografia

ORGANIZADORES ALCAR

Ana Regina Rêgo
Antonio Hohlfeldt
Maria Berenice Machado

ORGANIZADORES AsHisCom

Jaume Guillamet
Alberto Pena Rodríguez
Jorge Pedro Sousa



**OS DESAFIOS DA PESQUISA EM HISTÓRIA
DA COMUNICAÇÃO: ENTRE A HISTORICIDADE
E AS LACUNAS DA HISTORIOGRAFIA**



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Jaime Spengler

Reitor

Evilázio Teixeira

Vice-Reitor

Jaderson Costa da Costa

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Carla Denise Bonan

Editor-Chefe

Luciano Aronne de Abreu

Antonio Carlos Hohlfeldt

Augusto Mussi Alvim

Cláudia Musa Fay

Gleny T. Duro Guimarães

Helder Gordim da Silveira

Lívia Haygert Pithan

Lucia Maria Martins Giraffa

Maria Eunice Moreira

Maria Martha Campos

Nythamar de Oliveira

Walter F. de Azevedo Jr.

Organizadores

ALCAR

Ana Regina Rêgo

Antonio Hohlfeldt

Maria Berenice Machado

AHC

Jaume Guillamet

Alberto Pena Rodríguez

Jorge Pedro Sousa

**OS DESAFIOS DA PESQUISA EM HISTÓRIA
DA COMUNICAÇÃO: ENTRE A HISTORICIDADE
E AS LACUNAS DA HISTORIOGRAFIA**



PORTO ALEGRE

2019

© EDIPUCRS 2019

CAPA Thiara Speth

DIAGRAMAÇÃO Camila Borges

REVISÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA Francine Esteves

REVISÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA Autores

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Bok2

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O livro está sendo realizado através de uma parceria entre a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia-ALCAR e a Associação de Historiadores de la Comunicación-AsHisCom, deste modo, a publicação possui também 3 organizadores europeus, a saber: Prof. Dr. Jaume Guillamet- Universidade Pompeu Fabra- Barcelona -Espanha, Prof. Dr. Alberto Pena Rodriguez- Universidade de Vigo-Espanha, Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa- Universidade Fernando Pessoa- Porto- Portugal.



Este livro conta com um ambiente virtual, em que você terá acesso gratuito a conteúdos exclusivos.

Acesse o QR Code e confira!



Editora Universitária da PUCRS

Fone/fax: (51) 3320 3711

E-mail: edipucrs@pucrs.br

Site: www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D441 Os desafios da pesquisa em história da comunicação : entre a historicidade e as lacunas da historiografia / organizadores Ana Regina Rêgo ... [et al.]. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2019.
694 p.

ISBN 978-85-397-1249-6

1. Historiografia. 2. História - Filosofia. 3. Comunicação de massa e história. I. Rêgo, Ana Regina.

CDD 23. ed. 907.2

Lucas Martins Kern CRB-10/2288

Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

PALAVRA DA ALCAR

A Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia-ALCAR apresenta ao público o livro *Os desafios da pesquisa em História da Comunicação: entre a historicidade e as lacunas da historiografia*, fruto de uma parceria firmada com a Asociación de Historiadores de la Comunicación (AsHisCom) durante evento realizado na Universidade de Valência, na Espanha, em outubro de 2016.

Naquela ocasião, nossa intenção era, inicialmente, nos aproximarmos dos pesquisadores de outros países que também desenvolvessem investigações no campo da historiografia da Comunicação, com vistas a estreitar laços de forma a possibilitar a troca de conhecimento e experiências.

Desde então e com esse intuito, temos realizado intercâmbio entre pesquisadores durante os eventos que as duas instituições realizam: ALCAR no Brasil e AsHisCom na Europa.

O livro nasceu de uma conversa entre membros das duas diretorias, realizada durante o evento da AsHisCom, na Universidade do Porto, em Portugal, em setembro de 2017. Desenhamos uma ementa que foi aprovada pelas instituições e lançamos chamada aos públicos brasileiro, português e espanhol, durante o primeiro semestre de 2018.

A seleção dos textos foi um momento difícil, visto que a procura foi considerável e que havia muitos textos com grande qualidade. Ao fim, selecionamos pela ALCAR 13 artigos, e a AsHisCom selecionou 11 artigos, que compõem neste momento os 24 capítulos do presente livro.

Esperamos que esta publicação, que tem como intuito problematizar as tensões entre a historiografia do campo da comunicação e a historicidade dos fenômenos comunicacionais, traga boas contribuições e possa ser muito bem utilizada por todos que se interessam por esta área do conhecimento.

Boa leitura!

Ana Regina Rêgo

Presidenta

Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia — ALCAR

PALAVRA DA AsHisCom

Nos complace la publicación de este libro, conjuntamente con la Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia-ALCAR. Es un paso adelante de gran interés en una colaboración iniciada en 2016 con la participación recíproca en los principales encuentros científicos de cada una de las dos asociaciones y la publicación consiguiente de las correspondientes aportaciones individuales en los libros que han resultado de varios congresos.

La idea de este volumen conjunto sobre *Los desafíos de la investigación en Historia de la Comunicación: entre la historicidad y las lagunas de la historiografía*, que nos propuso la presidenta de ALCAR, Ana Regina Rego, en el congreso de AsHisCom celebrado en la universidad portuguesa de Porto en septiembre de 2017, nos permite adentrarnos en un diálogo muy interesante en los ámbitos asociativo, académico e historiográfico.

La colaboración e intercambio con colegas de otros países y lenguas son un objetivo principal de la AsHisCom que actualmente acoge investigadores residentes principalmente en España y Portugal, así como otros en Francia, Argentina, Chile, Colombia y México. Castellano y catalán, dos de las lenguas de uso científico en el seno de la AsHisCom, se hermanan más profundamente en este libro con el portugués, también propio de la cultura brasileña.

Este libro editado en colaboración con ALCAR abre la puerta a un debate historiográfico entre las principales corrientes investiga-

doras vigentes en Brasil, Portugal y España, que era muy necesario por dos motivos.

Por una parte, por la riqueza en sí que supone todo intercambio de esas características. Por otra parte, por el interés en contrastar los conceptos de historicidad y las lagunas historiográficas desde tradiciones muy próximas en las lenguas y las culturas, pero distintas en cuanto a los procesos respectivos de la historia política y social así como de formación y características de los medios de comunicación en América y en Europa.

Nuestro deseo es que el diálogo y debate que abrimos con este volumen adquiera mayor riqueza y profundidad en nuevas colaboraciones futuras.

Jaume Guillamet

Presidente
Asociación de Historiadores de la Comunicación

SUMÁRIO

PARTE 1 — HISTORICIDADE E HISTORIOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO — DIAGNÓSTICOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS, FILOSÓFICAS E METODOLÓGICAS21

**CAPÍTULO 1 — História da comunicação no Brasil:
um balanço historiográfico23**

MARIALVA BARBOSA

**CAPÍTULO 2 — Por una historia de la
comunicación emancipada 53**

FRANCESC-ANDREU MARTÍNEZ GALLEGO
ANTONIO LAGUNA PLATERO

**CAPÍTULO 3 — Círculo de Bakhtin, o dialogismo e a
historicidade dos processos comunicacionais..... 77**

IGOR SACRAMENTO

**CAPÍTULO 4 — Os caminhos da tradição em Ricoeur:
pistas para compreensão da historicidade da Comunicação..... 111**

ANA REGINA RÊGO
RANIELLE LEAL

CAPÍTULO 5 — O imperativo egoico midiático: notas para pensar a mídia enquanto um *sujeito* em busca de reconhecimento 137

ANDRÉ BONSANTO DIAS
JOÃO PAULO ROSSATTI

CAPÍTULO 6 — La revolución digital y su incidencia en la investigación de la historia de la prensa: la búsqueda de fuentes.....169

ANTONIO CHECA GODOY

CAPÍTULO 7 — Inteligencia Artificial y Periodismo. De la revolución tecnológica a las dudas éticas y profesionales193

ÁNGEL L. RUBIO MORAGA
ANDREA DONOFRIO

CAPITULO 8 — Periodisme i història en la construcció de la memòria col·lectiva..... 213

JOSEP M. FIGUERES

CAPÍTULO 9 — Edición y análisis de prensa antigua: Una propuesta metodológica.....241

JAVIER DÍAZ NOCI

**PARTE 2 — HISTORIOGRAFIA DA
COMUNICAÇÃO — TEORIA APLICADA..... 273**

CAPÍTULO 10 — Proposta para uma história unitária do jornalismo nas antigas colônias de Portugal e Espanha nas Américas 275

ANTONIO HOHLFELDT

CAPÍTULO 11 — Origens da historiografia portuguesa do jornalismo: os pioneiros 293

JORGE PEDRO SOUSA

CAPÍTULO 12 — Noticias de América. Reflexiones sobre el valor de la prensa inmigrante como fuente histórica: el caso de la comunidad portuguesa en Estados Unidos.....331

ALBERTO PENA RODRÍGUEZ

CAPÍTULO 13 — Imprensa neutra no século XIX: uma análise necessária 355

GEORGE VIDIPÓ

CAPÍTULO 14 — Narrativas da história organizacional: uma abordagem franco-brasileira..... 379

LARISSA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

CAPÍTULO 15 — Por uma história cultural da imprensa homossexual..... 405

VINICIUS FERREIRA

CAPÍTULO 16 — Conhecendo a história do jornalismo por meio das mudanças estruturais..... 441

HENRIQUE MOREIRA

PARTE 3

HISTORIOGRAFIA E HISTORICIDADE

EM ESTUDOS DE CASO 469

CAPÍTULO 17 — Os intelectuais no *Caderno de Sábado do Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981): prestígio e memória em um suplemento cultural **471**

EVERTON CARDOSO
CIDA GOLIN

CAPÍTULO 18 — Agências de notícias no Brasil e em Portugal — Histórias que se aproximam **501**

JULIANA LISBOA

CAPÍTULO 19 — A invisibilidade da mulher na história da imprensa e as contribuições de Rachel de Queiroz para o jornalismo brasileiro **531**

LETÍCIA ARANTES JURY
GOIAMÉRICO FELÍCIO CARNEIRO DOS SANTOS

CAPÍTULO 20 — Revelar os filmes: a construção de memórias do cinema pioneiro por meio de pesquisas com história oral..... **559**

MARILICE DARONCO
CÁSSIO DOS SANTOS TOMAIM

CAPÍTULO 21 — Los impactos del turismo en un espacio comunicacional: Mallorca del siglo XIX al siglo XXI..... **587**

SEBASTIÀ SERRA BUSQUETS

CAPÍTULO 22 — Los medios de los residentes comunitarios en el proceso de integración europea: otra forma de globalización mediática **601**

JUAN ANTONIO GARCÍA GALINDO
ANTONIO CUARTERO NARANJO

CAPÍTULO 23 — A Revolução dos Cravos em perspectiva: uma análise comparada da cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo* (Brasil) e do *Diário de Notícias* (Portugal) **629**

CARLA BAPTISTA
ADRIANO LOPES GOMES

CAPÍTULO 24 — “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)”: Como um projeto de Recepção da Antiguidade pode contribuir para fazer História da Comunicação em Portugal **651**

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES
SUSANA MOTA

SOBRE ORGANIZADORES E AUTORES **683**

APRESENTAÇÃO

A presente publicação é fruto de uma parceria entre duas instituições científicas de fomento à pesquisa no campo da historiografia da Comunicação, ambas com grande trajetória e reputação consolidada. No Brasil, a Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia-ALCAR e, no ambiente europeu, a Asociación de Historiadores de la Comunicación-AsHisCom. Como dito, durante o Congresso da AsHisCom na Universidade do Porto em setembro de 2017, detectou-se a necessidade de problematizar as pesquisas que estamos desenvolvendo no ambiente da historiografia da Comunicação, assim como, as contribuições sociais que essas pesquisas trazem. Firmado o acordo para o livro, partimos para o desenho de uma ementa que pudesse sinteticamente traduzir um pouco das nossas inquietações. Assim, a ementa que a seguir transcrevemos foi lançada em chamada pública no Brasil e na Europa, sendo aberta a todos os pesquisadores filiados às duas instituições que tiveram cerca de cinco meses para concluir seus trabalhos e enviar para o processo de avaliação e seleção dos textos.

EMENTA

Os desafios da pesquisa em História da Comunicação, compreendendo os meios e empresas em seus diversos suportes, os personagens, os contextos, assim como os processos e as práticas de um fazer comunicativo e/ou informativo e, obviamente, as transformações que ocorrem na essência de cada prática, a partir de sua relação com

a sociedade e das intervenções tecnológicas que se impõem a cada dia, revelam que de forma contumaz os investigadores se debruçam sobre temáticas históricas e sociais que podem ser localizadas no jornalismo e em outras práticas de comunicação; como também, focam em uma história do campo concentrada na história das empresas de comunicação ou de seus personagens mais destacados e/ou polêmicos e, mais raramente, se debruçam sobre a historicidade do campo, procurando descortinar a partir das figuras que compõem a essência de cada prática, traços de historicidade que permanecem no tempo, ou que dele se apartam em determinados contextos.

Nesse sentido e considerando que estamos viajando pelos caminhos da História, reconhecemos com Veyne (2010) a natureza lacunar da história enquanto discurso (historiografia). Reconhecemos com Certeau (2011, p. 41) que a história é um discurso sobre o passado, “[...] um morto que é figura objetiva de uma troca entre vivos”. Como também reconhecemos a importância da operação historiográfica que se estrutura no tripé: lugar social, história enquanto prática e história enquanto escrita (CERTEAU, 2011).

Por outro lado, não podemos desconsiderar os caminhos filosóficos de contestação da historiografia, sobretudo, no campo da história da filosofia que observamos em Hegel (2008) e Heidegger (2005) e que consideram que a história está muito menos na historiografia do que na essência de cada fenômeno por ela analisado, levando Koselleck (2014) a analisar o que viria a ser a historicidade e como esta se insere na historiografia de forma intrínseca.

O livro, que a parceria entre a ALCAR e a AsHisCom, pretende publicar tem como objetivo trazer à tona questionamentos acerca das práticas historiográficas realizadas no campo da comunicação, que muitas vezes se concentram nos contextos históricos da sociedade, nos personagens e nas empresas de comunicação e muito menos nos aspectos profundos dos fenômenos comunicativos midiáticos. Como também, tem a intenção de revelar modos de fazer uma nova

história para a comunicação, ou, dar visibilidade, a pesquisas iniciais neste sentido.

O LIVRO

Após o processo de recepção, avaliação e seleção dos artigos enviados para compor o livro, como dito anteriormente, a ALCAR terminou selecionando 13 artigos, e a AsHisCom, 11 artigos, que após um difícil processo de edição deram ao livro uma pluralidade teórica, filosófica, metodológica e de estudos empíricos que proporcionam ao leitor uma viagem por caminhos díspares da historiografia da Comunicação, tendo como mote os diversos fenômenos do campo.

O primeiro momento que traz como subtítulo *Historicidade e Historiografia da Comunicação — diagnósticos e perspectivas teóricas, filosóficas e metodológicas*, compõe-se de nove capítulos que trazem tanto perspectivas teóricas como o texto de Igor Sacramento em que o *Círculo de Bakhtin* é analisado sob a luz da historicidade no ambiente comunicacional, ou o texto Francesc-Andreu Martínez e Antonio Laguna em que exploram as possibilidades de uma comunicação emancipada. Como capítulos com forte carga teórica, mas também com um abrangente diagnóstico, Marialva Barbosa, por exemplo, analisa a historicidade dos fenômenos a partir de um diagnóstico das pesquisas em historiografia da comunicação no Brasil. A mídia enquanto sujeito é analisada por André Dias e João Rossatti que realizam um percurso histórico no sentido de assim reconhecê-la. Ana Regina Rêgo e Ranielle Leal abordam a *tradição* por uma perspectiva filosófica, com a intenção de contribuir para desconstrução desse conceito no ambiente da comunicação, tendo a visada de Paul Ricoeur como guia no processo.

Ainda na primeira parte do livro, temos as aportações de Antonio Checa sobre a incidência da revolução digital na historiografia e de Àngel L. Rubio Moraga e Andrea Donofrio sobre a inteligência artificial

e os aspectos profissionais e éticos do jornalismo. Josep M. Figueres analisa o papel do periodismo e da história na construção da memória, enquanto Javier Díaz Noci oferece uma proposta metodológica para uma especialidade muito desenvolvida na Europa que é a edição e análises da imprensa antiga.

O segundo momento do livro denominado *Historiografia da Comunicação — teoria aplicada* reúne sete capítulos que possuem como traço comum o desenvolvimento de uma abordagem ou de uma proposição teórica trazendo como pano de fundo algum ambiente de observação do próprio campo. Assim, enquanto Jorge Pedro Sousa retoma as origens da historiografia portuguesa, Antonio Hohlfeldt faz suas proposições tendo como lugar de observação as antigas colônias de Portugal e Espanha nas Américas. Já Alberto Pena observa a imprensa imigrante a partir da colônia portuguesa nos Estados Unidos da América, e Vinicius Ferreira desenha uma história cultural da imprensa homossexual na cena brasileira. Em outro caminho, George Vidipó problematiza o *ethos* do jornalismo a partir dos jornais do fim do século XIX, que se anunciavam “neutros”, em contraponto aos partidários, ou outros denominados políticos, literários, religiosos e comerciais. Já Larissa dos Santos aborda a memória histórica no cenário organizacional franco-brasileiro, e Henrique Moreira contempla as “mudanças estruturais” na história do jornalismo brasileiro.

A terceira e última parte do livro compõe-se de estudos aplicados. São oito capítulos de grande riqueza e observação de ambientes diversos sob o olhar de pesquisadores experientes que nos trazem o resultado de suas pesquisas empíricas. O jornalismo cultural já surge no primeiro capítulo desse momento do livro. Sob o olhar de Cida Golin e Everton Cardoso, o *Caderno de sábado do Correio do Povo* é apresentado e revelado. Juliana Lisboa faz aproximação dos estudos sobre as agências de notícias, ainda incipientes no Brasil e com bibliografia já consolidada em Portugal. Letícia Jury e Goiamérico Santos apresentam as robustas contribuições de Rachel de Queiroz para o

jornalismo brasileiro, questionando a invisibilidade da mulher nos textos, livros e pesquisas referentes à história da imprensa no Brasil. Marilice Daronco e Cássio Tomaim constroem memórias sobre o primeiro documentário animado que trata do tema agroecologia no mundo, a partir deste debatem as contribuições da História Oral. Já Carla Baptista e Adriano Gomes trazem a *Revolução dos Cravos* pelo olhar de dois veículos de comunicação, um situado em Portugal e outro no Brasil, a saber: Diário de Notícias e Folha de São Paulo.

José das Candeias Sales e Susana Mota propõem e debatem sobre um projeto de recepção de antiguidades que pode vir a contribuir para um fazer *histórico* da comunicação em Portugal. Outros dois capítulos abordam temas muito relacionados entre si, a saber: os impactos do turismo no espaço da comunicação tendo a região de Malloca como ponto de observação, tema trabalhado por Sebastià Serra Busquets; e, o papel dos meios dos residentes comunitários europeus na Espanha, como forma de globalização midiática, temática analisada por Juan Antonio García Galindo e Antonio Cuartero.

Por fim, vale destacar que esta é uma primeira iniciativa da ALCAR em parceria com a AsHisCom e esperamos que seja tanto um sucesso, enquanto fonte de pesquisa para investigadores da historicidade e da historiografia da Comunicação, quanto o embrião para novas investidas no campo editorial tendo a parceria firmada como motivadora. Além disto, desejamos que este livro seja motivador de grandes inquietações no ambiente da historiografia da Comunicação e que leve muitos pesquisadores a problematizarem a própria prática.

OS ORGANIZADORES

Cida Golin

Jornalista; doutora em Letras (PUCRS); professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS; pesquisadora do CNPq.

Everton Cardoso

Jornalista; doutor em Comunicação e Informação (UFRGS); editor chefe do *Jornal da Universidade* (Secom/UFRGS); professor do curso de Jornalismo da Unisinos.

Francesc-Andreu Martínez Gallego

Francesc A. Martínez Gallego es Catedrático de Periodismo en la Universitat de València. Ha publicado 36 libros de contenido científico, 73 capítulos de libros, 48 artículos de investigación en revistas científicas, muchos de ellos en colaboración con Antonio Laguna Platero. Ha presentado 105 ponencias y comunicaciones en diferentes congresos y jornadas científicas. Profesor visitante en la UCLM o en la Universidad de Leipzig, ha organizado diversos congresos, entre ellos el de la Asociación de Historiadores de la Comunicación celebrado en 2007 en Valencia, el de la Red Iberoamericana de Historiadores de la Prensa y el Periodismo de 2016 (el único celebrado en España de las diez ediciones). Desde el curso 2017 lidera un GIUV, Grupo de Investigación de la Universidad de Valencia.

George Vidipó

Professor de história do ensino médio da Secretaria de Estadual de Educação do Rio de Janeiro, Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro (IFRJ). Membro da Anpuh — Rio — Associação Nacional de História, com trabalhos apresentados; e da Alcar — Associação Brasileira dos Pesquisadores da Mídia, com trabalhos apresentados. — E-mail: historiavidipo@yahoo.com.br

Goiamérico Felício Carneiro dos Santos

Graduado em Letras (PUC-Go). Mestre em Estudos da Linguagem, Teoria da Literatura (UFG). Doutor em Teoria da Literatura (PUC-RJ). Pós-Doutor em Comunicação (Unisinos/RS) e Universidade Nacional de Rosário AR Professor Associado III, integra o PPGCOM/UFG (LP: Mídia e cultura) e o PPGIDH/ UFG (LP: Práticas e representações sociais). E-mail: goiamerico@uol.com.br

Henrique Moreira

Manoel Henrique Tavares Moreira, nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 7 de maio de 1958. Possui graduação em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo), Faculdades Integradas Augusto Motta — UniSUAM (1985), Mestrado (2003) e Doutorado (2015) em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC/UnB). Atualmente é professor da graduação, da pós-graduação e coordenador dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Audiovisual e Design Gráfico do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Organizacional, atuando principalmente nos seguintes temas: assessoria de comunicação, gestão da comunicação, ciência e tecnologia, comunicação de massa, conhecimento científico e estratégias institucionais.

Igor Sacramento

É doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, atua como pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde e professor do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, ambos da Fundação Oswaldo Cruz. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, é pesquisador do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura. Suas pesquisas atualmente articulam os campos da comunicação, da história e da saúde. É autor e organiza-

dor de mais de 10 livros, destacando-se, entre eles, *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (com Ana Paula Goulart Ribeiro) e *História da Comunicação: experiências e perspectivas* (com Leticia Matheus).

Jaume Guillamet

Doctor en Historia Contemporánea por la Universidad de Barcelona y catedrático de Periodismo de la Universitat Pompeu Fabra. Ha sido decano de periodismo, director del departamento de Comunicación y vicerector. Coordinador del Grup de Recerca en Periodisme e investigador principal de tres proyectos sobre el papel del periodismo en la transición española a la democracia. Autor de numerosos libros y artículos, sobre la historia del periodismo en Cataluña. Es miembro numerario del Institut d'Estudis Catalans, ha sido presidente de la Societat Catalana de Comunicació y es el actual presidente de la Asociación de Historiadores de la Comunicación.

Javier Díaz Noci

Catedrático de comunicación de la Universitat Pompeu Fabra, doctor en Historia y doctor en Derecho. Ha sido profesor de la Universidad del País Vasco y profesor visitante de, entre otras, las universidades de Reno, Nevada (Estados Unidos), Oxford (Reino Unido) y, por dos veces, de la Universidade Federal da Bahia (Brasil). Ha publicado diversos libros y artículos sobre historia de la prensa en la edad moderna, entre ellos una edición crítica y facsímil de los primeros periódicos de San Sebastián: *El nacimiento de la prensa vasca. Gacetas donostiarra de los siglos XVII y XVIII* (2003), y actualmente trabaja en la edición de los primeros impresos periódicos en lengua española dentro del grupo de investigación IBEMNEWS.

João Paulo Rossatti

Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Licenciado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste

(UNICENTRO-PR). Atua como professor da educação básica no ensino público e privado em Mato Grosso. Seus atuais interesses de pesquisa buscam compreender as relações da mídia com a disseminação da ideologia neoliberal. E-mail: jprossatti@gmail.com

Jorge Pedro Sousa

Jorge Pedro Sousa é professor catedrático de Jornalismo na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) e investigador do Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA). Tem desenvolvido pesquisa no campo da teoria e história do jornalismo e da análise histórico-cultural do discurso jornalístico. A sua obra mais recente intitula-se *Veja! Nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835–1914)*. Porto: Media XXI, 2017.

José das Candeias Sales

Doutorado e Agregado em História Antiga, é docente na Universidade Aberta e investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Desenvolve os seus trabalhos na área da História Antiga — domínio Egiptologia, tendo vários livros e artigos publicados, em Portugal e no estrangeiro, nesse âmbito. É responsável pelo projeto de investigação “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)” no âmbito dos Estudos da Recepção da Antiguidade, destinado a identificar, analisar e publicar as notícias publicadas na imprensa portuguesa (jornais e revistas) sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon. E-mail: Jose.Sales@uab.pt

Josep M. Figueres

Historiador, professor titular d’història del periodisme (UAB, 1991). Especialitzat en història del periodisme amb un centenar de monografies de les que destaquen: *Diari Català*, (premi Nicolau d’Olwer) i *La Veu de Catalunya* (premi M. Sabaté). Editor de sumaris de consells de guerra (Prat de la Riba, Ll. Companys...) i de l’obra completa de

V. Almirall. Ha estat traduït al castellà, francès i anglès. Convidat a universitats de Mèxic, França, Canada, Puerto Rico, Itàlia, Costa Rica... E-mail: josepmaria.figueres@uab.cat

Juan Antonio García Galindo

Doctor en Historia Contemporánea y Catedrático de Periodismo de la Universidad de Málaga. Especializado en Teoría e Historia del Periodismo, su obra se ha centrado fundamentalmente en la historia del periodismo y de la comunicación durante el siglo XX. Ha sido Presidente de la Asociación de Historiadores de la Comunicación, y en la actualidad es Vocal de la Junta Directiva de la AE-IC. Recientemente, ha iniciado una nueva línea de investigación en Análisis de la Actualidad Internacional, con especial atención al espacio transatlántico (Europa–América Latina–Estados Unidos). Es asimismo, Director del Aula María Zambrano de Estudios Transatlánticos de la Universidad de Málaga, y Director de TSN, Revista de Estudios Internacionales. Es investigador principal del proyecto I+D+i: “Medios de Comunicación y construcción europea: estudio sociocomunicativo de los residentes comunitarios en el sur de España y de Portugal”.

Juliana Lisboa

Jornalista graduada pela PUCRS, mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Integra o Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor) da Unisinos.

Larissa Conceição dos Santos

Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA – Campus São Borja). Doutora em Sciences de l’Information et de la Communication (CELSA/Université Paris–Sorbonne). Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo (ECA–USP). Mestre em Sciences de l’Information et de la Communication

(CELSA/Université Paris–Sorbonne). Mestre em Engenharia de Produção (Universidade Federal de Santa Maria — UFSM). Bacharel em Administração (Universidade Federal de Santa Maria — UFSM). Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas (Universidade Federal de Santa Maria — UFSM). Investigadora vinculada ao Laboratoire Gripic (CELSA/Paris–Sorbonne) e ao Grupo t3xto (UNIPAMPA/CNPq–Brasil).

Letícia Arantes Jury

Jornalista. Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Esp. em Novas Tecnologias aplicadas a Educação (Cândido Mendes). Mestre em Comunicação, Cultura e Cidadania pela UFG. Professora de ‘Estudo das Mídias’, da Faculdade Metropolitana de Anápolis (FAMA). Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia de Anápolis.leticiajury@gmail.com.

Maria Berenice Machado

Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Comunicação Social (PUCRS) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda (UFRGS). Ministra as disciplinas Propaganda Política, Planejamento da Comunicação Publicitária, Comunicação Integrada, Teoria e História da Publicidade e Propaganda em cursos de graduação e na pós-graduação. Desenvolve pesquisas e tem publicações vinculadas aos campos da Comunicação, da Política e da História. Presidiu a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia — ALCAR entre 2011 e 2015 e segue como Diretora Administrativa na gestão 2015/2019; integra o Comitê Regional Sul da Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2). Chefia o Departamento de Comunicação (Decom) da Fabico/ UFRGS.

Marialva Barbosa

Marialva Carlos Barbosa é professora titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e pesquisadora

1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), possui livros publicados sobre história da comunicação e da imprensa no Brasil, dedicando-se a estudar a relação comunicação e história há mais de duas décadas. É autora de *História da comunicação no Brasil* (2013, Vozes); *História cultural da imprensa: 1900–2000* (2007, MauadX); *História cultural da imprensa: 1800–1900* (2010, MauadX) e *Escravos e o mundo da comunicação* (2016, MauadX).

Marilice Daronco

Jornalista, doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e especialista em Cinema pela Universidade Franciscana, autora do livro *O nosso cinema era super* (2014) sobre cinema super-8 no interior do Rio Grande do Sul. Membro do GP Moviola (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Memória e Narrativas Audiovisuais), e-mail: marilicedaronco@gmail.com

Ranielle Leal

Ranielle Leal Moura é jornalista pela Universidade Federal do Piauí — UFPI (2007/2), registro DRT-PI 0001511. MBA Executivo em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas — FGV–RJ (2009). Mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (2011). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS (foi bolsista integral CAPES), com estágio doutoral na Universidade Fernando Pessoa na cidade do Porto–Portugal (2018). Ex- Coordenadora de Comunicação Social do Ministério Público do Estado do Piauí (2011–2013) e atual Diretora Técnica do Instituto de Comunicação e Cultura do Piauí (ICC–PI). Tem experiência nas áreas de Comunicação, Marketing e História da Comunicação.

Sebastià Serra Busquets

Catedrático de Historia contemporánea de la UIB. Investigador principal del Grup d'estudis de la Cultura, la Societat i la Política al món

contemporani de la UIB. Autor de *Els elements de canvi a la Mallorca del segle XX* (Edicions Cort, Palma, 2001) entre otros y coordinador de *La premsa, la radio i la televisió en perspectiva històrica*, (Institut d'Estudis Baleàrics, Palma, 1994). Coordinador del Proyecto de investigación: *Turismo cultural: análisis, diagnóstico y perspectivas de futuro*, Cátedra Melià Internacional — UIB, desde 2013 hasta 2015, de los proyectos *Minority Newspapers to New Media*, Ref. ECD3316-26966 (año 2001) impulsado por la Comisión europea y Ref. TIC2000-3220-CE (año 2002), impulsado por el Ministerio de Ciencia y Tecnología del Gobierno de España.

Susana Mota

Desenvolve, desde 2006, investigação na área da Egiptologia. Começando por trabalhar sobre o Direito e a Justiça no Egipto antigo, passou depois para a área da Religião, em particular a Religião Doméstica, na qual realizou o seu doutoramento. Presentemente, além de continuar a desenvolver trabalho relacionado com a Religião Doméstica no antigo Egipto, é corresponsável pelo projecto de investigação na área da Recepção da Antiguidade intitulado “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)”. Este projecto visa identificar, analisar e publicar as notícias publicadas na imprensa portuguesa sobre a descoberta do tumulo do faraó Tutankhamon. Este projecto levou a que, em paralelo, desenvolvesse investigações na área da História da Comunicação. E-mails: susana-mota@hotmail.com / susanamota@fch.unl.pt

Vinicius Ferreira

Jornalista pela Universidade Federal do Piauí, mestre e doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador associado do Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação (Nupec), do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) e da Rede Historicidade dos Processos Comunicacionais. Colaborador do projeto Memória do Jornalismo Brasileiro e Memória do Jornalismo Piauiense. Bolsista CNPQ, email: viniciusf.c@hotmail.com

CAPÍTULO 24

“Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)”: Como um projeto de Recepção da Antiguidade pode contribuir para fazer História da Comunicação em Portugal

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES
SUSANA MOTA

Em Janeiro de 2016 iniciámos um projeto de investigação no âmbito dos Estudos da Recepção da Antiguidade, centrado nos relatos sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon (1333–1323 a.C.)¹, na imprensa portuguesa (jornais e revistas).

A 4 de novembro de 1922, Howard Carter (1874–1939)², financiado por George Edward Stanhope Molyneux Herbert (1866–1923),

¹ Tutankhamon foi o 12º faraó da XVIII Dinastia do Império Novo que governou o Egípto durante cerca de 10 anos (1333-1323 a.C.), tendo subido ao trono ainda criança (talvez com 8 anos) e morrido ainda antes de chegar aos 20 anos. Ficou conhecido essencialmente pela excepcional descoberta do seu túmulo (KV 62), no Vale dos Reis, com os selos intactos, cerca de 3000 anos depois da sua morte.

² Howard Carter foi, em 1899, o primeiro inspector-chefe do Serviço das Antiguidades Egípcias, cargo que já não exercia quando, em 1907, foi contratado por Lord Carnarvon para supervisionar as escavações que este financiava no Egípto. Foi justamente ao seu serviço que, a 4 de novembro de 1922, encontrou os 15 degraus que levariam à descoberta do túmulo do jovem faraó egípcio.

mais conhecido por Lord Carnarvon, descobriu, ao fim de anos de pesquisas, no Vale dos Reis (Tebas, Egipto), o túmulo (KV62) do faraó Tutankhamon com os selos intactos. Esta “maravilhosa descoberta no Vale”³, que resultou em 10 anos de trabalhos de escavação e na descoberta de milhares de artefatos (mais de 5000), foi noticiada pela imprensa de todo o mundo, de forma inusitada e sem precedentes, tornando o nome do praticamente incógnito faraó do Império Novo⁴ e dos principais intervenientes na descoberta sobejamente conhecidos de milhões de leitores. Por força da extensa cobertura da imprensa, um dos menos conhecidos faraós do Império Novo e Howard Carter, um arqueólogo sem créditos firmados, passaram, literalmente de um dia para o outro, da obscuridade para as páginas dos jornais, tornando-se ambos sinónimos apontados e reconhecidos para “faraó” e “arqueólogo”.

Portugal não escapou ao impacto desta descoberta arqueológica e os periódicos nacionais foram pródigos na sua divulgação. Desta forma, motivados pelo interesse demonstrado pela imprensa portuguesa, o projeto de investigação intitulado “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)” visa identificar e caracterizar a forma como este assunto foi tratado e transmitido aos leitores.

Definimos como balizas cronológicas os anos de 1922 e de 1939. A primeira data decorre, obviamente, do momento específico da descoberta e início da escavação do túmulo e da consequente disseminação da informação. A segunda data assinala, simultaneamente, o ano da morte de Howard Carter e da descoberta de outros túmulos

³ A expressão é retirada do telegrama que Howard Carter enviou a Lord Carnarvon dando-lhe conta da descoberta (REEVES, 2000, p. 160; HAWASS, 2006, p. 107).

⁴ Período da história do antigo Egipto situado entre cerca de 1550 e 1069 a.C., composto pelas XVIII, XIX e XX dinastias da monarquia egípcia.

intactos em Tânis (Delta Oriental do Nilo, Egito), pelo arqueólogo francês Pierre Montet (1855–1966)⁵.

Desta forma, começámos por identificar os periódicos publicados, em número significativo, durante estes 17 anos. Para tal recorreremos à bibliografia⁶ e a alguns *websites*⁷. Resultou desta busca uma lista de 79 publicações. Após consulta, com vista a perceber quais os que tinham notícias sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon, a lista diminuiu para 28 títulos⁸ nos quais foram recolhidos 234 diferentes textos, com e sem imagens⁹.

As notícias publicadas entre 1922 e 1939 não tinham todas as mesmas características, nem mereceram exatamente o mesmo tratamento jornalístico-noticioso. Compilando e observando de perto as características textuais de todo esse manancial de informação, estabelecemos, com designações nossas, oito grandes tipologias: artigo de curiosidades (2 notícias), artigo de opinião (4 notícias), texto/imagem original assinado (4 notícias), artigo de cariz “científico” (8 notícias), notícia copiada de jornais portugueses (12 notícias), texto/imagem copiado/adaptado de publicações estrangeiras (23 notícias), texto original (?) não assinado (38 notícias) e notícia de agência (143 notícias).

Observa-se também uma desigualdade no número de notícias publicadas ao longo dos 17 anos que nos ocupam. O ano com maior

⁵ Pierre Montet descobriu vários túmulos intactos das XXI e XXII dinastias (III Período Intermediário).

⁶ No que respeita à bibliografia a obra de maior relevo é a de Lemos (2006).

⁷ Maioritariamente o website da Hemeroteca Municipal de Lisboa, disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>> e da Biblioteca Nacional de Portugal, disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>.

⁸ *A Capital, A Época, A Imprensa Nova* (Série I), *A Pátria, A Tarde, A Tribuna, A Vanguarda, ABC: Revista Portuguesa, Correio da manhã, Diário da manhã, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, Dyonisos, Ilustração Portuguesa, Jornal de Notícias, Novidades, O Comércio do Porto, O Comércio do Porto* — Ed. da Tarde, *O Dia, O Domingo Ilustrado, O Mundo, O Radical, O Rebate, O Século, O Século* — Ed. da Noite, *O Primeiro de Janeiro, República* (Série I) e *República* (Série II).

⁹ O número de notícias publicadas por cada jornal ou revista oscila entre apenas um texto, como é o caso de jornais como *A Pátria, O Domingo Ilustrado* e *República* (Série II), e um máximo de 27 notícias publicadas pelo *O Comércio do Porto* — Ed. da Tarde.

número de notícias é 1923, com 117 notícias, seguido de 1924 com 94 notícias. Ou seja, estes dois anos, em conjunto, forneceram 90% do total apurado. Esta esmagadora preponderância é plenamente justificada pelo facto de estes dois anos serem aqueles com maior número de factos ocorridos em torno da descoberta: 1923 é o ano da abertura oficial do túmulo e da morte de Lord Carnarvon; em 1924 continuam os trabalhos no túmulo e destacam-se os problemas ocorridos entre Howard Carter e o governo egípcio em torno da continuação/funcionamento dos trabalhos de escavação.

Fica, assim, claro que o nosso material de trabalho, as nossas fontes de informação, são, em primeira instância, os jornais e revistas nacionais e depois as notícias que estes publicaram. Deste modo, egiptólogos habituados a trabalhar com textos antigos e vestígios arqueológicos, tiveram a necessidade de estudar e conhecer a realidade da imprensa portuguesa nos anos 20 do século XX¹⁰. Este processo de estudo e aprendizagem acabou por conduzir, por um lado, à identificação de lacunas e existência de informações que, quando confrontados com os dados por nós reunidos, não se confirmavam e, por outro lado, ao reconhecimento de práticas que ajudam a melhor conhecer o funcionamento dos periódicos nacionais. Assim, é nosso objetivo demonstrar aqui de que forma a nossa investigação em Recepção da Antiguidade pode igualmente contribuir para fazer História da Comunicação em Portugal.

As agências de notícias em Portugal (anos 20 do século XX)

O *corpus* de 234 notícias que constitui o material de trabalho do projeto de investigação “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)”, tal como referimos anteriormente, é com-

¹⁰ A escolha desta cronologia fica a dever-se ao facto de, como referido, cerca de 90% das notícias trabalhadas terem sido publicadas em 1923 e 1924.

posto por oito diferentes tipologias de notícias, sendo que destas a que mais se destaca, com 143 textos (61.1% do total), é a tipologia de notícias de agência. Isto é, as notícias que chegavam aos jornais portugueses através de agências noticiosas ou as também chamadas agências telegráficas. Tendo em conta estes valores, demos grande atenção à identificação das agências em causa e ao processo de funcionamento associado à publicação deste tipo de notícia.

Tabela 1. Identificação e contabilização das agências telegráficas presentes no *corpus* de notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon nos jornais portugueses.

		Identificação da origem da notícia ¹¹						Total por ano
		Radio (R.)	Lusitânia (L.)	Havas (H.)	DNB	Reuter	Sem informação	
Ano de publicação	1922	1	0	0	0	0	0	1
	1923	46	0	3	0	0	13	62
	1924	21	34	3	0	0	10	68
	1925	2	1	0	0	0	1	4
	1939	0	0	4	3	1	0	8
Total por agência		70	35	10	3	1	24	143

Fonte: Dados sistematizados resultantes da investigação realizada.

¹¹ A contabilização das agências apresentada na Tabela 1 é feita com base na informação que era colocada no fim da notícia, que tanto podia aparecer por extenso, isto é, escrevendo o nome da agência, como usando apenas a primeira letra. De notar que nem sempre esta informação é colocada. Alguns jornais, como, por exemplo, *O Comércio do Porto*, raramente o fazem. Na Tabela 1 estas notícias são contabilizadas na coluna “Sem informação”. Igualmente sob esta designação aparecem os casos que identificavam “Especial” ou “Século”. Teoricamente, “Especial” seria usado nos telegramas que eram enviados, em especial, para determinado cliente (CRATO, 1992, p. 99). No caso do jornal *O Século*, um grande número de textos aparece como sendo do próprio jornal daí a indicação “Século”. Na verdade, uma comparação exaustiva das notícias permitiu perceber que, tanto no caso das notícias identificadas com “Século” como com “Especial”, a diferença para as publicadas em outros jornais é pouca, se é que chega a existir.

Como a Tabela 1 ilustra, foram identificadas cinco agências de notícias: *Radio*, *Lusitânia*, *Havas*, *DNB* e *Reuter*, sendo que as duas últimas surgem apenas em notícias de 1939. Nas notícias dos anos 20 destacam-se a *Radio*, com 70 notícias, a *Lusitânia*, com 35 notícias e a *Havas*, com 6 notícias (a que se juntarão mais quatro de 1939).

Foi o confronto destas informações reunidas no nosso *corpus* com a realidade apresentada pela bibliografia sobre o tema que chamou a nossa atenção para a necessidade de aprofundar o estudo sobre as agências de notícias que atuavam, à época, em Portugal. A bibliografia apresentou-nos uma realidade bastante simples: a agência estrangeira com a qual os jornais portugueses trabalhavam era a *Havas*, a quem calhou, depois do acordo com as outras agências mundiais — *Reuter*, *Associated Press* e *Wolff* — o domínio sobre o território português¹².

Os primeiros despachos informativos da *Havas* chegaram a Portugal, ao jornal *Diário de Notícias*, a 10 de março de 1866. Em Portugal, a *Havas* estava sediada na Casa Havaneza, no Chiado, em Lisboa, naquela que é atualmente a mais antiga tabacaria da cidade. À sucursal de Lisboa da *Havas* chegavam os telegramas que eram enviados posteriormente para os jornais, mas que eram também afixados para poderem ser lidos pelos interessados. Na obra *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queiróz descreve com minúcia esta situação:

Nos fins de Maio de 1871 havia grande alvoroço na Casa Havanesa, ao Chiado, em Lisboa. Pessoas esbaforidas chegavam, rompiam, pelos grupos que atulhavam a porta, e alçando-se em bicos de pés esticavam o pescoço, por entre a massa dos chapéus, para a grade do balcão, onde em uma tabuleta suspensa se colavam os telegramas da ‘Agência Havas’; sujeitos de faces espantadas saíam consternados, exclamando logo para algum amigo mais pacato que os esperara fora: - Tudo perdido! Tudo a arder! [...]

¹² A primeira versão deste acordo foi assinada em 1859 (Unesco, 1953, p.18-19).

Com efeito, a cada hora, chegavam telegramas anunciando os episódios sucessivos da insurreição batalhando nas ruas de Paris: telegramas despedidos de Versalhes em um terror dizendo os palácios que ardiam, as ruas que se aluíam; [...] O Chiado lamentava com indignação aquela ruína de Paris [...] (1879, p. 609–610).

Este papel da *Havas* como fornecedora de notícias, primeiro ao *Diário de Notícias* e depois aos restantes jornais nacionais, é geralmente assumido em exclusividade, isto é, a *Havas* seria a única agência a atuar em Portugal. Batista afirma:

Foi neste contexto que nasceu o *Diário de Notícias* (DN) em 1864. Dois anos depois, o DN tornou-se o primeiro jornal português a publicar despachos de uma agência noticiosa, mais precisamente, a 10 de Março, ao iniciar a publicação das participações telegráficas da agência *Havas*, aproveitando o facto de esta ter ficado com o exclusivo da distribuição do noticiário em Portugal, depois do acordo de 1859.

Durante muitos anos, este foi o único sinal da presença das agências estrangeiras em Portugal, até porque, entretanto, o país conheceu novas revoluções e, em 28 de maio de 1926, um novo golpe militar que provocou o fim da Primeira República, estabeleceu a ditadura e reinstalou a censura (2007, p.47).

Afirma-se não só a ideia da exclusividade da *Havas*, como o facto de esta exclusividade ser assumida por um período de mais de 60 anos, durante os quais nada de diferente teria ocorrido¹³. Miranda, no entanto, abre um pouco mais o espectro de atuação das agências estrangeiras em Portugal, mas apenas relativamente ao *Diário de Notícias*:

¹³ Silva (2002, 3) mantém esta mesma lógica de análise e destaca o vazio entre a chegada da *Havas* a Portugal e o Golpe Militar de 28 de maio de 1926.

O acordo firmado em 1859 entre a *Reuter*, a *Wolff* e a *Havas*, garantiu a esta última a exploração ativa nesta região. A situação de privilégio garantida à agência *Havas* não significou, no entanto, em termos práticos, uma exclusividade de acção. [...]

Nas páginas do *Diário de Notícias* encontramos referências não apenas à Agência *Havas*, mas a outras agências de informação, o que significa que a agência francesa não detinha, pelo menos diretamente, o monopólio do mercado informativo. A *Fabra*, a Agência Telegráfica Sub Marina, a *Reuter*, a Agência *Peninsular*, a Agência *Americana Telegráfica*, a Agência *Bullier*, também mantiveram relações, de forma mais ou menos continuada, com a organização do jornal, surgindo identificadas como fonte de muitas notícias, relativas sobretudo a assuntos externos. (2014, p.39)

A mesma autora aponta também que a posição privilegiada da *Havas* se manteve até 1930, quando o mercado foi oficialmente aberto à *Reuter*, à *United Press* e à *Associated Press* (MIRANDA, 2014, 40).

A questão das agências a operar em Portugal parece, então, ficar relativamente definida: a *Havas* dominava, teoricamente com o exclusivo, e algumas outras agências poderiam igualmente surgir, pelo menos no *Diário de Notícias* (MIRANDA, 2005, p. 142–3). No entanto, quando confrontámos estas ideias com os dados reunidos no âmbito do nosso projeto de base, as informações não se conjugam, pois, como pode ver-se na Tabela 1, não só a *Havas* é apenas a terceira mais representada como surgem outras duas agências com muito maior preponderância: a *Radio* e a *Lusitânia*.

Com o objetivo de perceber se este era apenas um caso isolado, decorrendo da especificidade do nosso *corpus*, ou se, na verdade, existiam efetivamente outras agências a atuar em Portugal nos anos 20 do século XX, consultámos um conjunto de outras publicações de

modo a identificar, em todas as notícias deste tipo, quais as agências que estavam presentes.

Começamos por apresentar um levantamento conjunto de dois jornais: o *Diário de Lisboa* e *A Capital* (Tabela 2). Ambos foram publicados de forma regular no período em análise e estão disponíveis online, o que facilitou o tipo de consulta necessária e pretendida¹⁴. As datas consideradas têm em conta o início da publicação do *Diário de Lisboa* (7 de abril de 1921) e o fim da publicação regular de *A Capital* (27 de agosto de 1926). A contabilização das notícias cuja agência aparece identificada foi, por opção nossa, feita nos dois jornais em dois meses de cada ano: abril e agosto de 1921 e janeiro e agosto dos anos seguintes.

Tabela 2. Contabilização das agências presentes no *Diário de Lisboa* e *A Capital* (1921–1926).

Ano	Agência	Havas (H.)	Radio (R.)	Lusitânia (L.)	Latino- Americana (L.A.)	Americana (A.)	United Press (U.P.)
	Mês						
1921	Abril	111	184	-	-	77	-
	Agosto	149	135	-	-	55	143
1922	Janeiro	60	161	-	81	2	63
	Agosto	77	-	-	247	7	-

¹⁴ O *Diário de Lisboa* está disponível online no site da Fundação Mário Soares / Casa Comum: <http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/> e *A Capital* — Diário Republicano da Noite está disponível online no site da Hemeroteca Digital de Lisboa: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>>.

Ano	Agência	Havas (H.)	Radio (R.)	Lusitânia (L)	Latino- Americana (L.A.)	Americana (A.)	United Press (U.P.)
	Mês						
1923	Janeiro	112	151	-	-	-	-
	Agosto	51	190	40	-	1	-
1924	Janeiro	12	107	83	-	2	-
	Agosto	37	140	249	-	17	-
1925	Janeiro	58	144	189	-	1	-
	Agosto	257	-	179	-	22	-
1926	Janeiro	180	-	161	-	18	-
	Agosto	194	-	47	-	50	-
TOTAL		1298	1212	948	328	252	206

Fonte: Dados sistematizados resultantes da investigação realizada.

Seguidamente apresenta-se a contabilização das agências presentes no jornal *A Vanguarda*¹⁵ nos anos e nos números publicados e disponíveis nos anos de 1922 e 1923 (Tabela 3).

Tabela 3. Contabilização das agências presentes em *A Vanguarda* (1922–1923).¹⁶

Ano	Agência	Havas (H.)	Radio (R.)	Americana (A.)	Lusitânia (L.)
	Mês				
1922	Novembro	13	84	-	-
	Dezembro	-	31	-	-
1923	Janeiro	10	58	-	-
	Fevereiro	15	105	-	-
	Março	8	130	7	-
	Abril	17	131	-	-
	Maio	4	90	8	-
	Junho	7	96	10	-
	Julho	1	89	1	-
	Agosto ¹⁶	5	11	-	-
	Setembro	2	30	6	6
	Total		82	855	32

Fonte: Dados sistematizados resultantes da investigação realizada.

Por fim, foi consultado o jornal *A Tarde*¹⁷ que, por agrupar as notícias de agência em uma secção específica, não permite a apresentação de uma contabilização semelhante à que foi feita para *A Capital*, o *Diário de Lisboa* e *A Vanguarda*. No entanto, a designação dada a esta secção ajuda, ainda assim, a completar os nossos dados. Até 9 de julho 1919, com exceção para uma secção chamada “serviço especial

¹⁵ Este jornal foi publicado de forma irregular entre 1912 e 1929 (LEMONS, 2006, p. 606-610). Está disponível online no site da Biblioteca Nacional de Portugal: <<http://purl.pt/14330>>

¹⁶ Em agosto foram publicados apenas 3 números e 13 em setembro.

¹⁷ *A Tarde* foi publicado de forma regular entre março de 1919 e 1927 (Lemos, 2006, p. 328-330). Está disponível online na rede interna da Biblioteca Nacional: <<http://purl.pt/24303>>.

da *Americana*”, as notícias do estrangeiro não nomeiam a agência. A partir dessa data, o jornal identifica, geralmente na última página, uma secção com notícias do estrangeiro chamada “Serviço telegráfico das Agências *Havas, Americana e Radio*”. Entre 1922 e até agosto de 1923, a secção muda para “Serviço telegráfico das Agências *Havas, Latino-Americana e Radio*” e, a partir de agosto de 1923, reduz-se para “Serviço telegráfico das Agências *Havas e Radio*”.

Temos, assim, a possibilidade de, por um lado, considerar as agências presentes especificamente nas notícias sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon e, por outro lado, considerar as agências presentes, de um modo geral, nos jornais *Diário de Lisboa, A Capital, A Vanguarda e A Tarde*. Da conjugação destes dados é possível chegar a algumas conclusões informadas sobre a realidade das agências de notícias/telegráficas que trabalhavam com os jornais portugueses nos anos 20 do século XX:

- A agência *Havas* está, de facto, presente nos dois conjuntos analisados e é mesmo a mais numerosa no conjunto dos jornais *Diário de Lisboa* e *A Capital*.
- Identifica-se, no entanto, a presença de um conjunto de outras agências, tais como a *Radio*, a *Lusitânia*, a *Americana*, a *Latino-Americana* e a *United Press*.
- A *Radio* é a agência que mais se destaca no conjunto das notícias sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon e no jornal *A Vanguarda*. No conjunto dos jornais *Diário de Lisboa* e *A Capital* é a segunda agência mais representada, sendo que a sua presença termina no ano de 1925 e, assim, permite que a *Havas* assuma a liderança. A *Radio* é ainda referida regularmente na secção respectiva do jornal *A Tarde*.
- A *Lusitânia* não é referida no jornal *A Tarde* e tem uma fugaz aparição em *A Vanguarda* em Setembro de 1923. No

entanto, é a segunda agência mais numerosa nas notícias do nosso *corpus* e, desde que começa a aparecer, tem uma presença regular e de algum destaque nos jornais *Diário de Lisboa* e *A Capital*.

- A *Americana* não faz parte das agências presentes no *corpus* de notícias, No entanto, está presente, de forma regular, nos jornais analisados.
- Por fim, referimos a *Latino-Americana* que só aparece no ano de 1922 no conjunto do *Diário de Lisboa* e *A Capital* e em *A Tarde*, mas que, no primeiro caso, se destaca com uma presença bastante numerosa e que supera grandemente as demais.

Sucintamente podemos dizer que, de facto, a *Havas* era uma presença incontestável e regular nos jornais portugueses nos anos 20 do século XX, mas concorria com um conjunto de outras agências que, frequentemente, lhe roubavam a primazia. Assim, parece-nos importante, para um conhecimento mais efetivo da relação dos periódicos nacionais com as agências noticiosas neste período, ir além da *Havas* e conhecer também os outros fornecedores de notícias telegráficas.

Não cabe aqui uma apresentação exaustiva de cada uma destas agências, pois o nosso objetivo é acima de tudo refutar a ideia de exclusividade da *Havas*, pelo que faremos apenas uma breve caracterização com vista a, em linhas gerais, dá-las a conhecer. Importa, contudo, salientar que na nossa pesquisa sobre estas agências, mais do que socorreremo-nos da bibliografia, tão parca, percebemos que são os próprios jornais que, pelo que publicaram, mais informações nos fornecem, sendo assim as principais fontes para o conhecimento da sua própria história e dos que com eles trabalhavam.

Foi através de notícias publicadas em jornais brasileiros que ficámos a conhecer a origem e âmbito da *Americana*. No Jornal O

Paiz (Rio de Janeiro), em uma notícia de 10 de outubro de 1909 (p. 1), podemos ler:

AGENCIA AMERICANA

Encetamos hoje um novo serviço telegráfico, inaugurado pela Agencia Americana, fundada para estreitar e desenvolver as relações de imprensa entre todas as Republicas da America, e tambem para pôr em contacto mais intimo os jornaes de todos os Estados do Brazil.

O serviço da America do Sul, iniciado hoje pela Agencia Americana, é apenas, por ora, o primeiro passo para um systema completo de informações politicas, industriaes e comerciaes. É uma iniciativa particular destinada, acreditamos, a brilhante successo. (...) ¹⁸

No Jornal *A Notícia*, também do Rio de Janeiro, em um texto de 8/9 de outubro de 1909 (p.1), escreveu-se:

AGENCIA TELEGRÁFICA

Varios jornaes de domingo devem iniciar a publicação de um novo serviço telegráfico da Agencia Americana fundada aqui com excelentes elementos de actividade e competência.

Até agora, em geral, a imprensa se preocupa muito mais com informações telegraphicas do velho continente, do que com as da America; e sabemos, ás vezes mais rapidamente o que se passa na Russia do que o que ocorre no Uruguay.

É a esta omissão que vem attender a nova agencia. (...) ¹⁹

¹⁸ Ver: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/21100 [acesso em 13/04/2017].

¹⁹ Ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/15510> [acesso em 13/04/2017].

A Agência *Americana* era, pois, uma agência brasileira, fundada no Rio de Janeiro, no início de outubro de 1909²⁰, tendo por objetivo funcionar como um serviço de informação que visava aproximar os países da América do Sul. No entanto, o serviço desta agência acabou por ultrapassar largamente estas fronteiras, tendo chegado à Europa, pelo menos em 1916. Identificámos referências a esta agência no jornal francês *Le Temps*, a 28 de janeiro de 1916²¹ e em Portugal, no jornal *A Capital*, em Maio do mesmo ano²². Aliás, neste jornal, durante muito tempo, antes da década de 20, a *Americana* é a única a aparecer a par da *Havas*.

A Latino-Americana surgiu a partir da primeira empresa portuguesa de publicidade para jornais²³, com o mesmo nome, fundada por Virgínia Quaresma (LOUSADA, 2010, p.3; SEIXAS, 2004, p. 138–151). Sobre ela, o jornal *O Século* (4 nov.1921, p.2), publica o seguinte texto:

EMPRESA LATINO-AMERICANA, constituída exclusivamente com capitaes portuguezes montará um serviço telegrafico internacional.

Consta que a Empreza de Publicidade Latino-Americana, constituída exclusivamente com capitaes portuguezes, está a montar serviços telegráficos que serão extensivos aos principaes paizes da Europa e da America, tendo por

²⁰ Segundo Seixas (2004, 138), esta agência terá sido fundada em 1908 por Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e De Ambris.

²¹ Ver: <http://www.retronews.fr/journal/le-temps/28-janvier-1916/123/643579/1> [acesso em 13/04/2017].

²² A *Americana* tinha uma sucursal em Portugal que, pelo menos desde 1919, era dirigida por Virgínia Quaresma. Para mais sobre Virgínia Quaresma, figura incontornável no universo jornalístico português, e também activa defensora dos direitos da mulher e do pacifismo, ver a tese de Seixas (2004) e Lousada (2010).

²³ Vide notícias publicadas em *A Capital* (15 set. 1918, p.1; 20 nov. 1918, p.1, e 28 ago. 1919, p.2) Nesta última, intitulada “O império da publicidade. Uma grande e nova força”, pode ler-se: “Em Portugal, onde tudo anda sempre atrasado, adianta-se, todavia, n’este ponto, tendo começado uma agência de publicidade a sua tarefa com um êxito surpreendente. É a agencia Latino Americana, (...)” Vide também anúncio a esta empresa publicitária no jornal *A Capital* de 1 de junho de 1920, p.1.

norma o levantamento do nome de Portugal no estrangeiro. Segundo consta também, a ser assim, a nossa ilustre colega sr.^a D. Virgínia Quaresma que faz parte da empresa Latino-Americana, desligar-se-ha da Agencia Americana, que como se sabe, é uma instituição brasileira, encarregando a sua direção ao sr. dr. João de Barros.

Por esta notícia, percebemos que terá sido fundada em outubro de 1921, com capitais portugueses. Era, portanto, uma agência noticiosa internacional exclusivamente portuguesa que operava a partir de Portugal. Considerando apenas os exemplos do *Diário de Lisboa* e de *A Capital* ficamos a saber que ela aparece pela primeira vez em *A Capital*, a 15 de outubro de 1921, e a última no fim de novembro de 1922; no *Diário de Lisboa*, a primeira notícia data de 12 de janeiro de 1922 e a última de 11 de novembro de 1922. Ou seja, o período de atuação da agência *Latino-Americana* ocorreu entre o fim de 1921 e o fim de 1922. Presumimos, assim, que foi uma agência de curta duração²⁴, facto a que pode não ter sido alheia a questão colocada em uma notícia de *A Capital*, a 5 de dezembro de 1921 (p.1):

AGÊNCIA LATINO-AMERICANA

É justíssimo que o governo lhe conceda as prerrogativas de ordem moral que solicita

Esta agencia telegráfica de serviço internacional exclusivamente portuguesa, fundada com capitais portugueses, apresentou aos poderes públicos uma representação pedindo certas prerrogativas de ordem moral para que melhor possa desempenhar o papel que se impoz de estabelecer uma vastíssima rede telegráfica de propaganda

²⁴ Seixas (2004, p.151) aponta que em 1927 a empresa ainda figurava no *Anuário Comercial* e que desaparece em 1935, sendo que Virgínia Quaresma se fixou no Brasil em 1934. No entanto, enquanto agência de notícias, a *Latino-Americana* deixa de aparecer nos jornais consultados no fim de 1922.

do nosso paiz que por vezes tão maltratado tem sido por certas agencias estrangeiras.

A Agencia Latino-Americana propõe-se ligar o paiz com as mais remotas regiões do mundo para tornar conhecidas todas as modulações da nossa vida social, impedindo as deturpações que tanto nos tem prejudicado no conceito mundial: ligar as colonias com a metrópole com o levantado objectivo de intensificar a propaganda dos seus produtos ao noticiar os progressos da sua civilização.

Parte deste programa está já executado e a Agencia Latino-americana tem conquistado um lugar de destaque pela sua informação cuidada e minuciosa.

A exemplo do que em outros países se pratica que quasi todos teem agencias que os servem nos seus objectivos de expansão, chegando até a subsidiá-las, natural é que o governo atenda os justos fundamentos de representação da Agencia Latino-americana, tanto mais que ela só pede auxilio de ordem moral.

Entendemos até que o governo não deve hesitar para que tenha á sua disposição gente portugueza dirigindo serviços de informação, que por esse meio possa contrariar os efeitos das notícias tendenciosas que tantas vezes de Badajoz, por exemplo, teem sido espalhadas aos quatro ventos, desacreditando o paiz.

As informações apresentadas nestas notícias levam a crer que terá sido esta e não a *Lusitânia* a primeira agência noticiosa portuguesa, pois foi fundada ainda em 1921, cerca de 23 anos antes da agência de Luís Lupi²⁵.

²⁵ De acordo com a bibliografia da especialidade, a primeira agência de notícias portuguesa foi fundada por Luís Caldeira Lupi em 1944 e chamava-se *Lusitânia* (SILVA, 2002, p. 4; JORGE, 2013, p. 8; CASTRO, 2013, p. 12).

Quanto à *Radio*, ou *Agência Radio*, aquela que mais se destaca nas fontes consultadas, a sua presença e relevância nos jornais portugueses dos anos 20 do século XX é inquestionável. Todavia, em flagrante contraste, a bibliografia da especialidade era omissa²⁶ em relação a ela. Tal como nos casos anteriores, são os próprios jornais que nos ajudam a fazer a história desta agência e do homem que a liderou, Alejo Carrera Muñoz (1893–1967), que a investigação demonstrou ser ele próprio uma figura incontornável da imprensa portuguesa. No entanto, não iremos alongar-nos sobre a complexa e curiosa história que envolve esta agência e o seu diretor²⁷, limitamo-nos a revelar os seus aspectos essenciais.

A *Radio* surge no *Anuário Comercial* de Portugal, pela primeira vez, em 1919, listada na secção das agências telegráficas, a par da *Havas* e da *Americana*, tendo como diretor Alejo Carrera. Em Portugal, existia a convicção, pelo menos para alguns, de que a *Radio* que entre nós operava era uma sucursal da *Agence Radio*²⁸, agência nacional francesa fundada a 4 de fevereiro de 1916, sob a direção de Henri Turot (1865–1920), que viria a encerrar em 1940 (UNESCO, 1953, p.16)²⁹.

Esta ligação entre a *Radio* francesa e a *Radio* portuguesa não era, de facto, verdadeira. Em 1922, o jornal *A Capital* (7 abr.1922), publica uma notícia que informa que a *Agence Radio* havia comunicado não existir qualquer relação entre ela e a *Radio* sediada em Lisboa. No entanto, a situação não ficou totalmente esclarecida. O jornal *Imprensa Nova*,

²⁶ Esta situação já foi corrigida pela publicação de um artigo de nossa autoria no início de 2018: (SALES; MOTA, 2018).

²⁷ Jornalista e empresário galego fixado em Lisboa desde 1908. Para uma reconstituição mais detalhada sobre a Agência *Radio* e Alejo Carrera Muñoz ver (SALES; MOTA, 2018).

²⁸ Esta ideia era alimentada pelo próprio Alejo Carrera uma vez que ao fazer publicar informação no *Anuário Comercial* de Portugal de 1921 se identifica como “director (...) da agencia telegráfica ‘Radio de Paris’”.

²⁹ De acordo com Unesco (1953, p. 142), a *Agence Radio* terá sido fundada em 1918. Contudo, em uma notícia publicada a 30 de novembro de 1917, no jornal francês *Le Matin*, o próprio director informa da data de fundação da agência, como sendo 4 de fevereiro de 1916. Ver: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5723387/f1.item>. Acesso em: 18 abr. 2017.

no início de 1923, publicou várias notícias visando Alejo Carrera e a sua agência, sempre em um tom crítico, como é perceptível em uma notícia de 30 de janeiro de 1923:

A Agencia ‘Bera’ do sr. Alejo Carrera. Rima e é verdade... Em resposta ao que temos aqui escrito da função germanofila da Agencia Radio — que até pelo nome vigariza, pois imitou o da verdadeira Radio, de Paris [...]. Esta nossa Radio-bera comprou a agencia ‘Méssageries de la Presse’, da qual extrai os telegramas, que distribui a bom preço pelos jornais, retendo os periódicos franceses até depois de impingir esses telegramas! [...]

No que é publicado, ressalta a ideia de que a *Radio* de Carrera não era a *Agence Radio* francesa, e afirma-se não se tratar de uma verdadeira agência de notícias, mas, sim, de uma “agência de recortes”. Esta perspectiva não era, contudo, partilhada por todos os jornais que trabalhavam com a *Radio*. *A Tribuna* (27 jan. 1923) não hesita em identificar Alejo Carrera como “representante de uma empresa estrangeira de informação” e *O Correio da Manhã* (7 fev. 1923) escreve: “O diretor da Agencia Radio em Lisboa, sr. Alejo Carrera, escreveu-nos uma carta [...]. (...) cremos que não faça mais do que transmitir aos jornais portugueses o veneno que recebe da sede da agencia que representa em Lisboa.”

Assim, percebe-se que, apesar da notícia publicada em 1922, não havia uma certeza quanto à natureza da *Radio* e à sua relação com a agência homônima de Paris. A questão voltou, no entanto, a colocar-se em 1925, quando Carrera é acusado de, no âmbito da Revolução de 18 de abril de 1925³⁰, ter enviado notícias falsas para fora do país

³⁰ Revolta militar contra o Governo português, por iniciativa de monárquicos e nacionalistas. Lideram-na Filomeno da Câmara, Sinel de Cordes e Raul Esteves. Foi declarado o estado de sítio e a censura à imprensa.

servindo-se, para tal, da sua ligação à *Agence Radio*. Esta acusação resultou na sua expulsão do país que acabou por ser revogada por, uma vez mais, a *Radio* francesa se ter distanciado da portuguesa:

Monsieur le Ministre, Comme suite à notre conversation à ce propos, j'ai l'honneur, à la demande du Directeur de l'Agence Télégraphique Radio, 32 Rue Louis-le-Grand à Paris, de porter, à toutes fins utiles, ce qui suit à la connaissance de votre Excellence.

M. Carrera dirigeait à Lisbonne une agence qu'il appelait 'Agence Radio' comme la nôtre mais qui, ainsi que je l'avais annoncé dans les journaux portugais, n'a rien de commun avec la mienne. Or, M. Carrera m'expose qu'il a été emprisonné et expulsé parcequ'on l'aurait rendu responsable d'une dépêche publiée par l'Agence Radio de Paris annonçant au mois d'Avril dernier un mouvement révolutionnaire à Lisbonne. C'est pour moi un devoir de conscience que de déclarer, puisqu'il me le demande, que M. Carrera n'est pas le correspondant de l'Agence Radio de Paris et n'est pas l'expéditeur de cette dépêche. [...] ³¹

Em suma, estes e outros dados por nós reunidos³², permitem traçar, em linhas gerais, a história da *Agência Radio* em Portugal. No entanto, as informações, por vezes confusas ou mesmo contraditórias, não permitem aferir qual a sua verdadeira natureza.

As duas vezes em que a *Agence Radio* francesa se demarca da *Agência Radio* portuguesa parecem deixar claro que entre elas não havia qualquer relação. Assim sendo, a *Radio* não era uma sucursal

³¹ Documento que consta do processo de expulsão de Alejo Carrera existente no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros português: CÓD. REFERÊNCIA: PT/AHD/3/MNE-SE-DNPEC/DGNPD-RNP/028/000002 - TÍTULO: Movimento revolucionário em Lisboa. Prisão e expulsão de AlejoCarrera __Proc.66; 103 (353,2 do CF da RNP até anos 30) (75450)

³² Veja, para mais detalhes (SALES; MOTA, 2018).

de uma empresa estrangeira, mas sim uma empresa portuguesa, fundada e a atuar em Portugal. Sendo assim, que tipo de empresa era? Era uma verdadeira agência de notícias/telegráfica? A forma como aparece mencionada no *Anuário Comercial* leva a crer que seria, de facto, uma agência noticiosa. Não obstante, não podemos esquecer que era o próprio Alejo Carrera que informava o *Anuário* do que deveria ser publicado, podendo, por isso, facilmente, distorcer ou “compor” a tipologia da sua agência... Se era efetivamente uma agência de notícias, estamos perante a possibilidade de ser a segunda agência de notícias portuguesa (se a *Latino-Americana* for considerada a primeira) — ainda que propriedade de um galego a residir em Lisboa. No entanto, muitas das incongruências encontradas obrigam a considerar como mais viável a hipótese de que a Radio se tratava, meramente, de uma empresa que recebia os jornais estrangeiros e que depois distribuía, de forma isenta ou não, as notícias pelos jornais portugueses.

Por fim, umas breves linhas para o caso mais complexo da nossa lista de agências: a *Lusitânia*. A *Lusitânia* faz publicar notícias a partir do início de agosto de 1923 e, considerando apenas o exemplo do *Diário de Lisboa*, ela continuará a aparecer até, pelo menos, 1930. Infelizmente, apesar da sua evidente relevância para os jornais da época, pouco mais podemos dizer sobre a *Lusitânia*. Não sabemos, inclusivamente, se é correto chamar-lhe agência de notícias³³, apesar de sabermos que fazia chegar aos jornais portugueses telegramas do estrangeiro³⁴. A bibliografia da especialidade é totalmente omissa e, neste caso, nem os jornais da época por nós compulsados acrescentam qualquer informação adicional. Sabemos, no entanto, que esta

³³ Wilton Fonseca sugeriu-nos a possibilidade de se não se tratar de uma agência, mas sim da designação usada para identificar notícias enviadas para os jornais pelas legações portuguesas no estrangeiro. No entanto, não conseguimos validar nem refutar esta hipótese. Mas podemos afirmar que, de acordo com o *Anuário Comercial*, não existia, em Portugal, nenhuma agência telegráfica, em 1924 e 1925, com esta designação.

³⁴ Esta informação é muito clara no jornal *A Tarde*, de 5 de Janeiro de 1924.

Lusitânia não é aquela que é habitualmente considerada a primeira agência noticiosa portuguesa, a *Lusitânia* fundada cerca de 20 anos mais tarde, em 1944, por Luís Lupi. Partilham apenas o mesmo nome. Ter-se-á eventualmente de abrir outra entrada no rol das agências a operar em Portugal para esta *Lusitânia* dos anos 20, cuja presença nos jornais da época é bem evidente.

Em conclusão, podemos afirmar que a curiosidade aguçada pela incongruência entre os dados reunidos no nosso projeto de Recepção da Antiguidade e as afirmações existentes na bibliografia sobre as agências de notícias que atuavam em Portugal no início do século XX, nos levou a uma investigação que permite corrigir e até adicionar novas informações a esta temática. Assim, demonstra-se que não só a *Havas* não era a única agência telegráfica a trabalhar com os jornais portugueses da época, havendo um vasto grupo de outras agências a concorrer com ela e por vezes a superá-la, como existe a possibilidade de dentro desse conjunto se encontrar a que foi, efetivamente, a primeira agência no notícias portuguesas.

As notícias copiadas/adaptadas de jornais estrangeiros

O terceiro maior conjunto de notícias do nosso *corpus* sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon colocou-nos em contacto com uma prática dos jornais portugueses da época que nos parece interessante explorar: a cópia e/ou adaptação de textos previamente publicados em periódicos estrangeiros.

Depois de reunidas as notícias procurámos realizar, para melhor as classificar, uma análise exaustiva do seu conteúdo. Neste processo chamou-nos a atenção a referência que algumas delas fazem a publicações estrangeiras, tais como:

“Parece que o tumulo do pharaó Tut-auh-Ameu, escreve o *Excelsior* descoberto perto de Thêbas, reserva sensacionais surpresas aos arqueologos.” (*A Capital*, 30 jan. 1923);

“Foi manhã cedo que os peritos se lançaram ao trabalho entre as mais recentes maravilhas reveladas na vespera aos seus olhares anciosos — conta o correspondente especial do *Matin* [...]” (*A Capital*, 21 fev. 1923);

“O dr. J. C. Mardeus, escreve no *Matin* o seguinte artigo [...]” (*A Capital*, 11 fev. 1924);

“Morel, conservador do museu Guimet e um dos mais eminentes egyptologos, falou há dias a um redactor de *Excelsior* desse pharaó acordado do seu sono milenario pela indiscreta curiosidade scientifica de lord Carnarvon.” (*A Vanguarda*, 17 fev. 1923);

“A proposito dos recentes acontecimentos que se desenvolveram no Egipto, por ocasião da abertura do tumulo de Tut-Ank-Amon, o conde Luis Hamon contou a um redactor do *Matin* a seguinte historia (...)” (*Diário de Lisboa*, 16 fev. 1924).

Motivados por estas referências, procedemos ao cruzamento dos textos e imagens publicados nos jornais e revistas portugueses com textos e imagens publicados nos periódicos estrangeiros, e assim pudemos perceber que, em 23 casos, as notícias publicadas cá resultam da tradução e publicação na integra (cópia) ou adaptação de textos originais estrangeiros.

Tabela 4. Identificação das notícias copiadas/adaptadas de publicações estrangeiras e portuguesas.

Notícia original (Periódico estrangeiro)	Notícias copiadas / adaptadas pelos jornais portugueses	Notícias copiadas a partir de jornais portugueses
<i>Excelsior</i> (27 jan. 1923), p.3	<i>A Capital</i> (29 jan. 1923), p.2	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (8 fev. 1923), p.1
<i>Le Matin</i> (26 jan. 1923), p. 1	<i>A Capital</i> (29 jan. 1923), p.2	—
<i>Excelsior</i> (28 jan. 1923), p.3	<i>A Capital</i> (30 jan. 1923), p.1 <i>Correio da Manhã</i> (5 fev.1923), pp.1 e 2	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (2 fev.1923), p.1
<i>Le Matin</i> (18 fev. 1923), p.3	<i>A Capital</i> (21 fev. 1923), p.3	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (23 fev.1923), p. 3
<i>Le Matin</i> (8 abr. 1923), p.3	<i>A Capital</i> (10 abr. 1923), p.2	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (13 abr.1923), p. 1
<i>Le Matin</i> (8 abr. 1923), p.1	<i>A Capital</i> (11 fev. 1924), p.1	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (28 fev.1924), p. 2
Imagem: <i>Excelsior</i> (11 fev. 1923), p.1 Texto: <i>Excelsior</i> (14 fev.1923), p.3	<i>Correio da Manhã</i> (17 fev.1923), p.2 <i>A Vanguarda</i> (17 fev. 1923), p. 1	—
<i>Excelsior</i> (15 fev. 1923), p.3	<i>Correio da Manhã</i> (18 fev. 1923), p.1	—
<i>Le Matin</i> (6 abr.1923), pp. 1 e 3	<i>Diário de Lisboa</i> (9 abr. 1923), p.7	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (16 abr. 1923), p. 1
<i>Le Petit Parisien</i> (13 fev. 1924), p.1 e (14 fev. 1924), p.1	<i>Diário de Lisboa</i> (15 fev.1924), p. 7	—
<i>L'Illustration</i> [Em processo de validação]	<i>Ilustração Portuguesa</i> (10 mar. 1923), pp. 303–306	—
<i>L'Illustration</i> [Em processo de validação]	<i>Ilustração Portuguesa</i> (19 jan. 1924), pp.79–80	—

Notícia original (Periódico estrangeiro)	Notícias copiadas / adaptadas pelos jornais portugueses	Notícias copiadas a partir de jornais portugueses
<i>Le Matin</i> (4 fev. 1924), pp. 1 e 2	<i>O Comércio do Porto</i> (19 fev. 1924), p.1	—
Imagem: <i>Excelsior</i> (6 abr. 1923), p.1 Texto: <i>Le Matin</i> (6 abr. 1923), p.1	<i>O Século</i> (10 abr. 1923), p.5	—
<i>Le Petit Parisien</i> (5 jan. 1924), p.1	<i>O Século</i> (8 jan. 1924), p.1	—
<i>Le Matin</i> (11 fev. 1924), pp. 1 e 3	<i>O Século</i> (14 fev. 1924), p.1 <i>Diário de Lisboa</i> (16 fev. 1924), p.7	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (16 fev. 1924), p.4
<i>Excelsior</i> (15 fev. 1922), p.1	<i>O Século</i> — Ed. da Noite (21 fev. 1923), p.4	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (28 fev. 1923), p.3
<i>Le Figaro</i> (20 fev. 1923), p.1	<i>O Século</i> — Ed. da Noite (23 fev. 1923), p.5	<i>O Comércio do Porto</i> — Ed. da Tarde (28 fev. 1923), p.3
<i>Le Matin</i> (21 fev. 1923), p. 1	<i>O Século</i> — Ed. da Noite (26 fev. 1923), p.1	—
<i>Le Matin</i> (21 fev. 1923), p. 1	<i>O Século</i> — Ed. da Noite (26 fev. 1923), p.1	—

Fonte: Dados sistematizados resultantes da investigação realizada.

As publicações a que os periódicos portugueses recorreram para recolher as suas notícias foram, portanto, quatro diferentes jornais franceses³⁵: *Excelsior*, *Journal illustré quotidien*: informations, littéra-

³⁵ Como assinalado na Tabela 4, existem, ainda, três textos que supomos terem sido copiados/adaptados da revista francesa *L'Illustration*. Contudo, neste caso, ainda não foi possível obter uma confirmação (A notícia da *Ilustração Portuguesa* de 10 de março de 1923 diz: “Dessa importância dá ideia, porém, desde já, em um artigo publicado por *L'Illustration* (...)”). A *L'Illustration* foi uma revista semanal publicada em Paris entre 1843 e 1944 (e entre 1945 e 1955 com o nome *France Illustration*). Disponível online em: <<https://www.lillustration.com/>>.

ture, sciences, arts, sports, théâtre, élégances³⁶, *Le Matin*: derniers télégrammes de la nuit³⁷, *Le Petit Parisien*: journal quotidien du soir³⁸ e *Figaro*: journal non politique³⁹.

As notícias foram tratadas de formas diferentes antes de ser publicadas, existindo, inclusivamente, diferentes jornais nacionais a publicar a mesma notícia estrangeira com uma abordagem distinta. Para ilustrar essas situações, aquilo a que convencionámos chamar de “genealogia das notícias”, selecionamos alguns exemplos.

Começamos por um exemplo identificado em *A Capital* de 29 de janeiro de 1923 (p.2). Trata-se de uma notícia intitulada “No Egipto. O tumulo de pharaó. Vae ser aberta na quinta-feira a camara mortuária”, composta por duas diferentes partes: a primeira, um texto desenvolvido, e a segunda, uma breve nota de duas linhas. O grosso do texto foi adaptado de uma notícia publicada a 27 de janeiro (2 dias antes) no jornal *Excelsior*⁴⁰ (p. 3), com o título “La découverte du tombeau du roi Tut-Anh-Amen”⁴¹, sendo que a notícia nacional é, no essencial, uma cópia, ainda que opte por não incluir, talvez por questões de espaço, os dois últimos parágrafos. Já a nota final do texto resulta de informações retiradas de uma notícia publicada no *Le Matin* (26 jan. 1923, p. 1), intitulada “Mercredi prochain à Louqsor sera ouverte la

³⁶ Jornal diário parisiense publicado entre 1910 e 1943. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32771891w/date>>.

³⁷ Jornal diário parisiense publicado entre 1884 e 1944. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb328123058/date>>.

³⁸ Jornal diário parisiense publicado entre 1876 e 1944. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34419111x/date.item>>.

³⁹ Jornal diário parisiense publicado entre 1854 e 1942. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb3435551z/date>>.

⁴⁰ De notar que a notícia do *Excelsior* foi, no mesmo dia, publicada também no *Le Figaro*. A comparação entre texto permitiu perceber que a versão publicada em Portugal foi feita a partir do *Excelsior*.

⁴¹ “A descoberta do túmulo do rei Tut-Anh-Amen” (tradução livre).

chambre mortuaire du pharaon TutAnkhAmen”⁴², sendo que, neste caso, a adaptação resulta de uma opção por retirar apenas o essencial da informação, não reproduzindo na totalidade o original.

O segundo exemplo demonstra como a mesma notícia estrangeira foi reproduzida, de forma diferente, em dois jornais nacionais. A 28 de janeiro de 1923 (p.3), o *Excelsior* publicou uma notícia intitulada “Les trouvailles de Louqsor permettron de préciser l’histoire de l’Egypt”⁴³. Em Portugal, *A Capital* (30 jan. 1923, p. 1) publica uma cópia desta notícia, incluindo apenas a referência “escreve o *Excelsior*”, com o título “As excavações de Langson. Toda a historia do Egipto vae ser revelada. Os livros santos perante a realidade.” Já o *Correio da Manhã*, alguns dias mais tarde (5 fev. 1923, p. 1–2), publica uma notícia cujo conteúdo é o mesmo, mas sob o título “Em Thebas os papyros do tumulo de Tut-Ank-Amen. Confirmação das narrativas dos Livros Sagrados”, optando por apresentar um texto que quase poderíamos designar de original, uma vez que em vez de apenas copiar o original escolhe dar-lhe uma construção totalmente nova. *A Capital* fez uma cópia, o *Correio da Manhã* foi inspirado pelo texto do *Excelsior* mas, sem sequer o referir, tenta escapar ao original.

A notícia publicada no *Diário de Lisboa* de 9 de abril de 1924 (p.7) é o nosso terceiro exemplo. Neste caso o jornal português recorreu a duas diferentes notícias publicadas no *Le Matin* (6 abr. 1923, p.1 e p.3). O jornal francês escreve, na página 1, um texto intitulado “La mort de lord Carnarvon a causé á Londres une réellesensation”⁴⁴, onde fala da perspectiva de Marie Corelli⁴⁵ sobre a ‘maldição’ que envolvia a morte de lord Carnarvon; na página 3, sob o título “La

⁴² “Na próxima quarta-feira em Luxor será aberta a câmara mortuária do faraó TutAnkhAmen” (tradução livre).

⁴³ “As descobertas de Luxor permitem esclarecer a história do Egipto” (tradução livre).

⁴⁴ “A morte de Lord Carnarvon causou uma verdadeira sensação em Londres” (tradução livre).

⁴⁵ Marie Corelli, pseudónimo de Mary Mackay (1 mai.1855 — 24 abr. 1924), foi uma escritora inglesa muito ligada ao esoterismo.

dépouille de lord Carnarvon est embaumée”⁴⁶ e o subtítulo “Par contre, sir A. Conan Doyle croit aux maléfices des momies égyptiennes”⁴⁷, um pequeno texto apresenta a perspectiva de Conan Doyle sobre a mesma questão⁴⁸. O *Diário de Lisboa*, em uma notícia intitulada “A actualidade internacional. Carnarvon o descobridor do tumulto de Tut-Ank-Hamon e o misterio da sua morte. Uma luta interessante entre a superstição e a sciencia resulta da combinação destas duas”, reuniu em um só texto as perspectivas de Corelli e Conan Doyle, originalmente em duas notícias diferentes, acabando por construir uma versão final original.

Além destes três casos, poderíamos ainda referir situações em que simplesmente o jornal português traduziu e adaptou o original francês sem alterações além de, por exemplo, cortar linhas ou parágrafos do texto; situações em que a notícia publicada em Portugal resulta de conjugação de duas notícias publicadas em dias diferentes nos jornais franceses; situações em que o resultado final é a conjugação de imagens de um jornal francês e texto de outro; e notícias que são apenas reproduções de imagens em que a legenda foi também copiada ou adaptada. Em suma, as publicações nacionais viram na imprensa estrangeira, mais concretamente nos jornais franceses, um meio para poderem apostar em uma divulgação mais intensiva da descoberta arqueológica ocorrida no Egito e usaram esta fonte de informação da forma que lhes pareceu, a cada uma e em cada situação, mais conveniente.

Podemos presumir que esta prática, que apesar de aqui ilustramos em um contexto muito concreto, seria usada também noutro

⁴⁶ “Os restos mortais de Lord Carnarvon foram embalsamados” (tradução livre).

⁴⁷ “Por outro lado, Sir A. Conan Doyle acredita nos malefícios das múmias egípcias” (tradução livre).

⁴⁸ Arthur Ignatius Conan Doyle (22 mai. 1859 — 7 Jul. 1930) foi um escritor e médico britânico, nascido na Escócia, mundialmente famoso por ter criado a personagem literária do detective Sherlock Holmes.

tipo de notícias. Os jornais nacionais tinham uma vocação aberta e deliberadamente política e faziam da intervenção ativa nesta área o seu principal mote (Sardica, 2014, p. 347; Matos, 2014, p.186 e p.192)⁴⁹. Desta forma, embora, como fica comprovado, percebessem a relevância de certas temáticas e se preocupassem em contribuir para a sua divulgação, elas não eram o essencial do seu trabalho. O recurso a textos estrangeiros apresentava-se como uma boa solução para dar a notícia sem, no entanto, haver um trabalho efetivo de investigação jornalística.

Curiosamente, neste processo de análise e comparação de notícias, percebemos que o hábito dos periódicos nacionais de copiar notícias não acontecia apenas em relação a publicações estrangeiras. Ainda que o tenhamos identificado em apenas um jornal, *O Comércio do Porto* — Edição da Tarde, a verdade é que havia, igualmente, a prática de copiar o que outros jornais portugueses já haviam publicado. Este jornal copiou, por 12 vezes, textos de outros jornais sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon (nove dos quais eram já cópias/adaptações de textos estrangeiros [Ver tabela 4] e três originais de jornais nacionais⁵⁰).

⁴⁹ Esta vertente de intervenção política era muitas vezes expressa no próprio título e subtítulo da publicação como, por exemplo, *A Tribuna* - Diário Republicano da manhã, *Correio da Manhã* - Órgão da Causa monárquica, *O Radical* - Jornal Republicano Independente, *O Rebate* - Diário Republicano da manhã. Por vezes, essa mesma tendência/filiação política era clarificada no texto de apresentação do periódico. *A Capital*, Diário Republicano da noite, no artigo de fundo do seu primeiro número, afirma que se propunha: “[...] lutar, combater, doutrinar, influir por todos os meios ao alcance da nossa mediania, mas com a intensa dedicação das nossas convicções ardentes, para que o povo português, rompendo com o prejuízo histórico que faz dele o mais atrasado e o mais miserável dos povos da velha Europa, sem direitos e sem regalias, sujeito aos caprichos do poder relegado à condição ínfima de servo, ganhe pelo estabelecimento dum governo ‘de todos, por todos e para todos’, que é o governo da República, a consciência da soberania e adquira as virtudes políticas que são a base e o fundamento da dignidade cívica.” (LEMOS, 2006, p. 159)

⁵⁰ Os três casos que resultam da cópia de notícias originais de jornais nacionais são: a 2 mar.1923, p.3, copiou a notícia original de *O Século* — Ed. da Noite (22 fev.1923, p.2); a 7 abr.1923, p.1, copiou a notícia original de *A Capital* (5 abr.1923, p.1) e a 19 fev.1924 p. 2, copiou a notícia original de *A Tarde* (16 fev.1924, p.1).

Neste caso, ao contrário do que acontecia com os jornais franceses, trata-se efetivamente de cópias, indo até ao extremo de reproduzir o pseudónimo do autor da notícia copiada. A 22 de fevereiro de 1923 (p.2), *O Século* publica uma notícia original que aparece assinada com ‘Ephpheta’; a 2 de março do mesmo ano (p.3), *O Comercio do Porto* — Ed. da Tarde publica exatamente a mesma notícia usado a mesma assinatura.

Conclusão

No contexto de um Projeto de Investigação na área da Recepção da Antiguidade em que os jornais e revistas portuguesas publicados nos anos 20 do século XX são a nossa principal fonte de informação, vimo-nos confrontados com a necessidade de aprofundar os nossos conhecimentos sobre esta área do saber. A leitura da bibliografia existente sobre a questão, principalmente no que respeita às agências noticiosas/telegráficas que atuavam em Portugal na época, levou-nos a identificar lacunas e vazios que a nossa curiosidade e interesse científico nos levaram a procurar sanar.

Desta forma, empreendemos uma pesquisa que nos permitiu perceber, com base no nosso *corpus* de notícias e em consultas intensivas a diversos jornais, que, além da agência *Havas*, que chegou a Portugal pela mão do *Diário de Notícias*, em 1866, os jornais portugueses da década de 20 do século XX trabalhavam com um conjunto de outras agências/fornecedores de notícias telegráficas vindas do estrangeiro, no qual se incluem a Agência *Radio*, a *Lusitânia*, a *Latino-Americana*, a *Americana* e a *United Press*. Da reunião destas informações parece-nos relevante salientar a não exclusividade da *Havas*, a importância da *Radio* e a possibilidade desta, ou antes dela a *Latino-Americana*, serem a verdadeira primeira agência de notícias portuguesa. Da mesma forma, merece destaque a identificação do desconhecimento do que era e como funcionava a primeira *Lusitânia* que trabalhou com os jornais nacionais nos anos 20 do séc. XX.

Olhando exclusivamente para o conjunto de notícias reunidas no âmbito do nosso projeto de base, “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)”, identificámos ainda a prática de copiar/adaptar notícias previamente publicadas em jornais estrangeiros. Nesta prática, evidencia-se a dependência dos periódicos franceses e percebe-se que a falta de tempo ou preparação/conhecimentos não eram impedimentos para a divulgação deste tipo de notícias. Os jornais e revistas nacionais, embora no essencial devotados à causa política, não deixaram de reconhecer a importância da descoberta arqueológica ocorrido no Egito em 1922 e usaram todos os recursos ao seu dispor para, tal como os periódicos mundiais fizeram, dar a conhecer ao seu público a “maravilhosa descoberta no Vale”.

Referências

BATISTA, Jonas (Coord.). *Agências de notícias de Portugal*. Lisboa: Lusa — Agência de notícias de Portugal, SA, 2007.

CASTRO, Rita de Ornelas Afonso de Prado. *Agências de notícias: o caso da Lusa*. 2013. Relatório de estágio — Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.

CRATO, Nuno. *A Imprensa: iniciação ao jornalismo e à comunicação social — I*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

HAWASS, Zahi. *The golden king: the world of Tutankhamun*. Cairo; New York: The American University in Cairo Press, 2006.

JORGE, Carla Sofia Esteves. *A agência Lusa como fonte na imprensa escrita generalista portuguesa*. 2013. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade nova de Lisboa, Lisboa.

LE MOS, Mário Matos. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora, 2006.

LOUSADA, Isabel. Feminismo en la voz de una periodista feminista. Virgínia Quaresma. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO ESPANHOLA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA SOBRE AS MULHERES. XV, 2010, Bilbao: Associação Espanhola de Investigação Histórica.

MATOS, Álvaro Costa de. The press in the first Portuguese Republic: constraints and guiding principles (1910–1926). In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.) *A History of the press in the Portuguese-speaking countries*. Lisboa: Media XXI, 2014, p. 179–260.

MIRANDA, Paula. *O jornalismo em Portugal. Elementos para a arqueologia de uma profissão (1865–1925)*. 2005. Tese (Doutoramento) — Universidade de Évora.

MIRANDA, Paula. Agência de notícias In: ROLLO, Maria Fernanda (Coord.) *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, v. I: A-E. Lisboa: Assembleia da República, 2014, p. 37–40.

QUEIRÓZ, Eça de. *O crime do Padre Amaro: cenas da vida devota*. (Edição comemorativa do primeiro centenário do nascimento do genial romancista). Porto: Lello & Irmão Editores, 1879.

REEVES, Nicholas. *Ancient Egypt. The great discoveries: a year-by-year chronicle*. London: Thames & Hudson, 2000.

SALES, José.; MOTA, Susana. A Agência Radio de Alejo Carrera Muñoz: contributos para a história das agências de notícias em Portugal (anos 20 e 30 do séc. XX). *Revista Portuguesa de História da Comunicação*, n. 2, p. 91–107, 2018. Disponível em: <http://www.revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20180130-jos___das_candeias_sales_e_susana_mota.pdf> Acesso em: 5 out. 2018

SARDICA, José Miguel. Imprensa. Títulos. In: ROLLO, Maria Fernanda (Coord.) *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, v. II: F-M. Lisboa: Assembleia da República, 2014, p. 344–357.

SEIXAS, Maria. Augusta. *Virgínia Quaresma [1882–1973]: a primeira jornalista portuguesa*. 2004 Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) — Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SILVA, Sónia. *Contributo para uma história das agências nacionais portuguesas*. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.html>>. Acesso em: 4 de dez. 2016.

UNESCO. *Les Agences télégraphiques d'information*. Paris, 1953. Disponível em: <<http://unesdoc.Unesco.org/images/0007/000734/073446eo.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SOBRE ORGANIZADORES E AUTORES

Adriano Gomes

Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Autor de livros como: *Além da Notícia* (2007), *Rádio e Memória* (2015) em Parceria com Edivânia Duarte e *Olhares Midiáticos* (2018).

Alberto Pena Rodríguez

Alberto Pena Rodríguez es doctor en Ciencias de la Información por la Universidad Complutense de Madrid y en Historia por la UNED. Profesor titular en la Universidad de Vigo, ha publicado diversas obras y artículos sobre Historia de la Comunicación en el mundo ibérico y lusófono. Entre sus últimos trabajos están: *Salazar y Franco. La alianza del fascismo ibérico contra la España republicana: diplomacia, prensa y propaganda* (Editorial Trea, 2017) y, próximamente: *News on the American Dream. A History of the Portuguese Press in USA* (Tagus Press, 2018).

Ana Regina Rêgo

Ana Regina Barros Rêgo Leal é jornalista pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, Mestra em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro ECO-UFRJ, Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo-UMESP com estágio de Doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona — UAB. Professora Associada do Departamento de Comunicação da UFPI. Já coordenou o Programa de Pós-graduação em

Comunicação da UFPI por dois mandatos e atualmente encontra-se como Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia — ALCAR e como Presidenta da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação — SOCICOM. Publicou e organizou vários livros. É ainda colunista do Jornal *O Dia* e do Portal Aceso Piauí. E-mail: anareginarego@gmail.com

Andrea Donofrio

Profesor de la Universidad Complutense de Madrid e investigador de la Fundación Ortega-Marañón. Es autor del libro *Érase una vez el eurocomunismo. Las razones de un fracaso* (2018) y coeditor de *La mirada del otro. La imagen de España, ayer y hoy* (2016) con José Varela Ortega y Fernando R. Lafuente.

André Bonsanto Dias

Bolsista de pós-doutoramento (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde atuou como professor substituto no departamento de Comunicação. Foi Editor-executivo da Revista *Contracampo* e Analista de Pesquisa da Comissão Nacional da Verdade. Seus objetos de pesquisa têm como foco as relações entre mídia e história/memória, mais especificamente imprensa escrita e a ditadura militar no Brasil. É autor do livro *O presente da memória: usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o “golpe de 1964” e a “ditabranda”*. E-mail: andrebonsanto@gmail.com

Ángel L. Rubio Moraga

Profesor Contratado Doctor de la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid. Licenciado y Doctor en Ciencias de la Información por la Universidad Complutense de Madrid. Especialista en Tecnologías de la Información, Internet y Periodismo Digital. Coautor de *Historia de los medios de comunicación* (2014).

Antonio Checa Godoy

Profesor jubilado de la Universidad de Sevilla, de cuya Facultad de Comunicación ha sido decano. Autor de un amplio número de obras referidas sobre todo a la historia de la Prensa —*Prensa y partidos políticos durante la II República*, *La prensa en español y portugués en América (1722–1903)*, *La prensa en el proceso de independencia de Polonia (1914–1920)*... — así como a la historia de la Publicidad, la Radio y el Cine, y a cuestiones andaluzas. Ha sido asimismo presidente de la AsHisComy ha dirigido diversos diarios y revistas en Granada, Salamanca, Huelva y Sevilla.

Antonio Cuartero Naranjo

Doctor en Periodismo e investigador postdoctoral del Departamento de Periodismo de la Universidad de Málaga. Se licenció en Periodismo por la Universidad de Málaga y con un Máster en Investigación en Comunicación Periodística por esta misma universidad. Durante su etapa predoctoral disfrutó de una beca de investigación FPU (Formación del profesorado Universitario) 2013–2017 concedida por el Ministerio de Educación. Su principal producción investigadora se centra en el periodismo narrativo o periodismo literario. Actualmente es Editor de *TSN. Revista de Estudios Internacionales* y participa en varios proyectos nacionales de investigación I+D+i.

Antônio Hohlfeldt

Integrante do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPq. Integrante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação — INTERCOM por dois mandatos. Atualmente encontra-se como Diretor de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia — ALCAR.

Antonio Laguna Platero

Antonio Laguna Platero es profesor titular de Periodismo en la UCLM, ha publicado 14 libros, 35 artículos en revistas científicas y 47 capítulos de libros y ha participado con ponencias y comunicación en más de 100 congresos nacionales e internacionales. Ha coordinado los comités científicos de diversos congresos especializados en Historia del Periodismo. Ha sido Decano de la Facultad de Periodismo de la UCLM, Director de Estudios y Planificación de la Delegación del Gobierno en la Comunidad Valenciana, Subdirector de Investigación de la Universidad Cardenal Herrera CEU y director, de 1993 a 1996, de la revista *Comunicación y Estudios Universitarios* de la Fundación Universitaria San Pablo CEU.

Carla Baptista

Nasceu em Angola em 1969, docente no departamento de Ciências da Comunicação da NOVA e investigadora no Instituto de Comunicação da NOVA. Especialista em história do jornalismo em Portugal, publicou os livros *Jornalistas, do Ofício à Profissão* (2007, em coautoria com Fernando Correia), *Memórias Vivas do Jornalismo* (2009, em coautoria com Fernando Correia), *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses* (2011) e *Cultura na Primeira Página* (Organização, 2017). carlamariabaptista@gmail.com

Cássio dos Santos Tomain

Jornalista e Doutor em História pela UNESP/Franca. Professor nos Programas de Pós Graduação em Comunicação e em História, na UFSM. É autor dos livros *Documentário, sabe o que é?* (2015), *Documentário e o Brasil na Segunda Guerra Mundial: o antimilitarismo e o anticomunismo como matrizes sensíveis* (2014) e *Janela da Alma: cinejornal e Estado Novo — fragmentos de um discurso totalitário* (2006). Membro do Laboratório de Estudos, Pesquisas e Produção em Memórias e Narrativas Audiovisuais (Moviola). E-mail: tomaim78@gmail.com

Cida Golin

Jornalista; doutora em Letras (PUCRS); professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS; pesquisadora do CNPq.

Everton Cardoso

Jornalista; doutor em Comunicação e Informação (UFRGS); editor chefe do *Jornal da Universidade* (Secom/UFRGS); professor do curso de Jornalismo da Unisinos.

Francesc-Andreu Martínez Gallego

Francesc A. Martínez Gallego es Catedrático de Periodismo en la Universitat de València. Ha publicado 36 libros de contenido científico, 73 capítulos de libros, 48 artículos de investigación en revistas científicas, muchos de ellos en colaboración con Antonio Laguna Platero. Ha presentado 105 ponencias y comunicaciones en diferentes congresos y jornadas científicas. Profesor visitante en la UCLM o en la Universidad de Leipzig, ha organizado diversos congresos, entre ellos el de la Asociación de Historiadores de la Comunicación celebrado en 2007 en Valencia, el de la Red Iberoamericana de Historiadores de la Prensa y el Periodismo de 2016 (el único celebrado en España de las diez ediciones). Desde el curso 2017 lidera un GIUV, Grupo de Investigación de la Universidad de Valencia.

George Vidipó

Professor de história do ensino médio da Secretaria de Estadual de Educação do Rio de Janeiro, Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro (IFRJ). Membro da Anpuh — Rio — Associação Nacional de História, com trabalhos apresentados; e da Alcar — Associação Brasileira dos Pesquisadores da Mídia, com trabalhos apresentados. — E-mail: historiavidipo@yahoo.com.br

Goiamérico Felício Carneiro dos Santos

Graduado em Letras (PUC-Go). Mestre em Estudos da Linguagem, Teoria da Literatura (UFG). Doutor em Teoria da Literatura (PUC-RJ). Pós-Doutor em Comunicação (Unisinos/RS) e Universidade Nacional de Rosário AR Professor Associado III, integra o PPGCOM/UFG (LP: Mídia e cultura) e o PPGIDH/ UFG (LP: Práticas e representações sociais). E-mail: goiamerico@uol.com.br

Henrique Moreira

Manoel Henrique Tavares Moreira, nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 7 de maio de 1958. Possui graduação em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo), Faculdades Integradas Augusto Motta — UniSUAM (1985), Mestrado (2003) e Doutorado (2015) em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC/UnB). Atualmente é professor da graduação, da pós-graduação e coordenador dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Audiovisual e Design Gráfico do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Organizacional, atuando principalmente nos seguintes temas: assessoria de comunicação, gestão da comunicação, ciência e tecnologia, comunicação de massa, conhecimento científico e estratégias institucionais.

Igor Sacramento

É doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, atua como pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde e professor do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, ambos da Fundação Oswaldo Cruz. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, é pesquisador do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura. Suas pesquisas atualmente articulam os campos da comunicação, da história e da saúde. É autor e organiza-

dor de mais de 10 livros, destacando-se, entre eles, *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (com Ana Paula Goulart Ribeiro) e *História da Comunicação: experiências e perspectivas* (com Leticia Matheus).

Jaume Guillamet

Doctor en Historia Contemporánea por la Universidad de Barcelona y catedrático de Periodismo de la Universitat Pompeu Fabra. Ha sido decano de periodismo, director del departamento de Comunicación y vicerector. Coordinador del Grup de Recerca en Periodisme e investigador principal de tres proyectos sobre el papel del periodismo en la transición española a la democracia. Autor de numerosos libros y artículos, sobre la historia del periodismo en Cataluña. Es miembro numerario del Institut d'Estudis Catalans, ha sido presidente de la Societat Catalana de Comunicació y es el actual presidente de la Asociación de Historiadores de la Comunicación.

Javier Díaz Noci

Catedrático de comunicación de la Universitat Pompeu Fabra, doctor en Historia y doctor en Derecho. Ha sido profesor de la Universidad del País Vasco y profesor visitante de, entre otras, las universidades de Reno, Nevada (Estados Unidos), Oxford (Reino Unido) y, por dos veces, de la Universidade Federal da Bahia (Brasil). Ha publicado diversos libros y artículos sobre historia de la prensa en la edad moderna, entre ellos una edición crítica y facsímil de los primeros periódicos de San Sebastián: *El nacimiento de la prensa vasca. Gacetas donostiarra de los siglos XVII y XVIII* (2003), y actualmente trabaja en la edición de los primeros impresos periódicos en lengua española dentro del grupo de investigación IBEMNEWS.

João Paulo Rossatti

Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Licenciado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste

(UNICENTRO-PR). Atua como professor da educação básica no ensino público e privado em Mato Grosso. Seus atuais interesses de pesquisa buscam compreender as relações da mídia com a disseminação da ideologia neoliberal. E-mail: jprossatti@gmail.com

Jorge Pedro Sousa

Jorge Pedro Sousa é professor catedrático de Jornalismo na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) e investigador do Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA). Tem desenvolvido pesquisa no campo da teoria e história do jornalismo e da análise histórico-cultural do discurso jornalístico. A sua obra mais recente intitula-se *Veja! Nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835–1914)*. Porto: Media XXI, 2017.

José das Candeias Sales

Doutorado e Agregado em História Antiga, é docente na Universidade Aberta e investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Desenvolve os seus trabalhos na área da História Antiga — domínio Egiptologia, tendo vários livros e artigos publicados, em Portugal e no estrangeiro, nesse âmbito. É responsável pelo projeto de investigação “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)” no âmbito dos Estudos da Recepção da Antiguidade, destinado a identificar, analisar e publicar as notícias publicadas na imprensa portuguesa (jornais e revistas) sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon. E-mail: Jose.Sales@uab.pt

Josep M. Figueres

Historiador, professor titular d’història del periodisme (UAB, 1991). Especialitzat en història del periodisme amb un centenar de monografies de les que destaquen: *Diari Català*, (premi Nicolau d’Olwer) i *La Veu de Catalunya* (premi M. Sabaté). Editor de sumaris de consells de guerra (Prat de la Riba, Ll. Companys...) i de l’obra completa de

V. Almirall. Ha estat traduït al castellà, francès i anglès. Convidat a universitats de Mèxic, França, Canadà, Puerto Rico, Itàlia, Costa Rica... E-mail: josepmaria.figueres@uab.cat

Juan Antonio García Galindo

Doctor en Historia Contemporánea y Catedrático de Periodismo de la Universidad de Málaga. Especializado en Teoría e Historia del Periodismo, su obra se ha centrado fundamentalmente en la historia del periodismo y de la comunicación durante el siglo XX. Ha sido Presidente de la Asociación de Historiadores de la Comunicación, y en la actualidad es Vocal de la Junta Directiva de la AE-IC. Recientemente, ha iniciado una nueva línea de investigación en Análisis de la Actualidad Internacional, con especial atención al espacio transatlántico (Europa–América Latina–Estados Unidos). Es asimismo, Director del Aula María Zambrano de Estudios Transatlánticos de la Universidad de Málaga, y Director de TSN, Revista de Estudios Internacionales. Es investigador principal del proyecto I+D+i: “Medios de Comunicación y construcción europea: estudio sociocomunicativo de los residentes comunitarios en el sur de España y de Portugal”.

Juliana Lisboa

Jornalista graduada pela PUCRS, mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Integra o Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor) da Unisinos.

Larissa Conceição dos Santos

Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA — Campus São Borja). Doutora em Sciences de l’Information et de la Communication (CELSA/Université Paris–Sorbonne). Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo (ECA–USP). Mestre em Sciences de l’Information et de la Communication

(CELSA/Université Paris–Sorbonne). Mestre em Engenharia de Produção (Universidade Federal de Santa Maria — UFSM). Bacharel em Administração (Universidade Federal de Santa Maria — UFSM). Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas (Universidade Federal de Santa Maria — UFSM). Investigadora vinculada ao Laboratoire Gripic (CELSA/Paris–Sorbonne) e ao Grupo t3xto (UNIPAMPA/CNPq–Brasil).

Leticia Arantes Jury

Jornalista. Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Esp. em Novas Tecnologias aplicadas a Educação (Cândido Mendes). Mestra em Comunicação, Cultura e Cidadania pela UFG. Professora de ‘Estudo das Mídias’, da Faculdade Metropolitana de Anápolis (FAMA). Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia de Anápolis.leticiajury@gmail.com.

Maria Berenice Machado

Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Comunicação Social (PUCRS) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda (UFRGS). Ministra as disciplinas Propaganda Política, Planejamento da Comunicação Publicitária, Comunicação Integrada, Teoria e História da Publicidade e Propaganda em cursos de graduação e na pós-graduação. Desenvolve pesquisas e tem publicações vinculadas aos campos da Comunicação, da Política e da História. Presidiu a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia — ALCAR entre 2011 e 2015 e segue como Diretora Administrativa na gestão 2015/2019; integra o Comitê Regional Sul da Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2). Chefia o Departamento de Comunicação (Decom) da Fabico/ UFRGS.

Marialva Barbosa

Marialva Carlos Barbosa é professora titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e pesquisadora

1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), possui livros publicados sobre história da comunicação e da imprensa no Brasil, dedicando-se a estudar a relação comunicação e história há mais de duas décadas. É autora de *História da comunicação no Brasil* (2013, Vozes); *História cultural da imprensa: 1900–2000* (2007, MauadX); *História cultural da imprensa: 1800–1900* (2010, MauadX) e *Escravos e o mundo da comunicação* (2016, MauadX).

Marilice Daronco

Jornalista, doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e especialista em Cinema pela Universidade Franciscana, autora do livro *O nosso cinema era super* (2014) sobre cinema super-8 no interior do Rio Grande do Sul. Membro do GP Moviola (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Memória e Narrativas Audiovisuais), e-mail: marilicedaronco@gmail.com

Ranielle Leal

Ranielle Leal Moura é jornalista pela Universidade Federal do Piauí — UFPI (2007/2), registro DRT-PI 0001511. MBA Executivo em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas — FGV—RJ (2009). Mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (2011). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS (foi bolsista integral CAPES), com estágio doutoral na Universidade Fernando Pessoa na cidade do Porto—Portugal (2018). Ex- Coordenadora de Comunicação Social do Ministério Público do Estado do Piauí (2011–2013) e atual Diretora Técnica do Instituto de Comunicação e Cultura do Piauí (ICC—PI). Tem experiência nas áreas de Comunicação, Marketing e História da Comunicação.

Sebastià Serra Busquets

Catedrático de Historia contemporánea de la UIB. Investigador principal del Grup d'estudis de la Cultura, la Societat i la Política al món

contemporani de la UIB. Autor de *Els elements de canvi a la Mallorca del segle XX* (Edicions Cort, Palma, 2001) entre otros y coordinador de *La premsa, la radio i la televisió en perspectiva històrica*, (Institut d'Estudis Baleàrics, Palma, 1994). Coordinador del Proyecto de investigación: *Turismo cultural: análisis, diagnóstico y perspectivas de futuro*, Cátedra Melià Internacional — UIB, desde 2013 hasta 2015, de los proyectos *Minority Newspapers to New Media*, Ref. ECD3316-26966 (año 2001) impulsado por la Comisión europea y Ref. TIC2000-3220-CE (año 2002), impulsado por el Ministerio de Ciencia y Tecnología del Gobierno de España.

Susana Mota

Desenvolve, desde 2006, investigação na área da Egíptologia. Começando por trabalhar sobre o Direito e a Justiça no Egípto antigo, passou depois para a área da Religião, em particular a Religião Doméstica, na qual realizou o seu doutoramento. Presentemente, além de continuar a desenvolver trabalho relacionado com a Religião Doméstica no antigo Egípto, é corresponsável pelo projecto de investigação na área da Recepção da Antiguidade intitulado “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939)”. Este projecto visa identificar, analisar e publicar as notícias publicadas na imprensa portuguesa sobre a descoberta do tumulo do faraó Tutankhamon. Este projecto levou a que, em paralelo, desenvolvesse investigações na área da História da Comunicação. E-mails: susana-mota@hotmail.com / susanamota@fcs.unl.pt

Vinicius Ferreira

Jornalista pela Universidade Federal do Piauí, mestre e doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador associado do Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação (Nupec), do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) e da Rede Historicidade dos Processos Comunicacionais. Colaborador do projeto Memória do Jornalismo Brasileiro e Memória do Jornalismo Piauiense. Bolsista CNPQ, email: viniciusf.c@hotmail.com

EDITORA UNIVERSITÁRIA DA PUCRS – EDIPUCRS

A Editora Universitária da PUCRS já publicou mais de 1.500 obras impressas e mais de 250 livros digitais.

Siga a EDIPUCRS nas redes sociais, fique por dentro das novidades e participe de promoções e sorteios.



www.pucrs.br/edipucrs



www.facebook.com/edipucrs



www.twitter.com/edipucrs



www.instagram.com/edipucrs

Para receber as novidades no seu *e-mail*, cadastre-se pelo nosso *site* ou envie um *e-mail* diretamente para comunica.edipucrs@pucrs.br.

Acesse o *QR Code* abaixo e conheça os livros impressos, os *e-books* pagos/gratuitos, os periódicos científicos, os próximos lançamentos e os conteúdos exclusivos da EDIPUCRS.



Av. Ipiranga, 6.681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Telefone: (51) 3320-3523
E-mail: edipucrs@pucrs.br